

ADRIANA PASCUOTTI

Os sentidos da oração em situações de adoecimento

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

ADRIANA PASCUOTTI

Os sentidos da oração em situações de adoecimento

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof^a-Dra Marília Ancona-Lopez.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2007

BANCA EXAMINADORA

*Este trabalho é dedicado à minha família,
que sempre incentiva e contribui para minha realização
pessoal e profissional, permitindo assim que eu possa
cada vez mais concretizar meus sonhos e ideais.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só pôde ser concluído graças à cooperação e auxílio de inúmeras pessoas, que foram, com suas observações e críticas, possibilitando a condução e elaboração dessa dissertação.

À minha mãe Helena, que durante todo o tempo mostrou-se companheira, incentivando cada etapa desse trabalho com seu amor, carinho e sensibilidade, minha eterna gratidão.

Um agradecimento especial à Marília Ancona-Lopez, que com sua sabedoria e profissionalismo tanto contribuiu para o meu percurso nessa pesquisa, enriquecendo todos os conhecimentos adquiridos ao longo de minha existência pessoal e profissional.

À Maria Elisabeth Montagna e Silvia Ancona-Lopez, pelas orientações e sugestões que colaboraram para o meu aperfeiçoamento, meus sinceros agradecimentos.

Ao Wanderley, pela forma especial com que enfrentou e superou os obstáculos que lhe foram apresentados, toda minha admiração e respeito.

À lembrança do Alexandre, que de forma indireta me acompanhou durante todos os momentos.

À querida Evelise, que esteve sempre presente ao meu lado, apresentando valiosas sugestões com suas palavras de apoio e estímulo, beijos “vitoriosos!”.

Ao estimado Marcelo que também acompanhou esse meu trajeto.

Ao meu pai Roberto, um exemplo a ser seguido, todo o meu carinho.

Ao meu primo Henrique, tão disponível e atento a todos os detalhes da revisão final do meu texto, meu muito obrigado.

À Gohara Yvette Yehya e aos amigos Simone, Cinthya, Andréia, Analú, Gil, Rita, João, Giovana e todos os outros do nosso grupo de aulas, que sempre estiveram atentos e acompanharam cada passo dessa conquista hoje alcançada, meu reconhecimento e minha afeição.

Enfim, o meu agradecimento a todos aqueles que direta ou indiretamente cooperaram comigo para o bom andamento dessa dissertação, principalmente àqueles que, além de cumprirem suas funções, me dedicaram também sua amizade, marcando de forma particular cada momento!

RESUMO

O objetivo dessa dissertação é compreender quais os sentidos e funções que a experiência da oração desempenha em situações de adoecimento.

Para tanto, apresento algumas considerações históricas sobre a psicologia da religião, a oração e o adoecimento, para, em seguida, entrevistar um paciente que sobreviveu a um câncer invasivo. A entrevista, semidirigida, pesquisou os diferentes significados e funções da oração, e como foram vividos pelo sujeito durante o adoecimento. O trabalho foi analisado a partir da proposta da abordagem da psicologia fenomenológica, e permitiu concluir que a oração desempenhou funções de apoio, alento, paz e sustentação psicológica.

A oração assumiu diferentes sentidos e é essa diversidade que destaca sua importância.

Palavras-chave: Religião, Oração e Adoecimento.

ABSTRACT

This research aims to understand senses and functions that an experience of praying has upon illness situation.

In order to achieve its purpose it is presented some historical considerations on psychology of religion, praying and getting ill, and, for instance, interviewing a patient who survived an invasive cancer. The interview, semi-conducted, researched the different meanings and functions of praying and how they were lived and felt by the patient during the illness process. The data was analyzed accordingly to the phenomenological psychology and allowed to conclude that praying provided caring functions, peace and psychological support.

Praying has assumed different senses and functions and this diversity highlightens its importance.

Keywords: Religion, Praying and Illness.

SUMÁRIO

Introdução	08
Capítulo I – A Religião, A Oração e o Adoecer	15
Capítulo II – Objetivo	28
Capítulo III – Metodologia	29
1. A psicologia da religião – Breves considerações históricas	29
2. O método fenomenológico na investigação da vivência	32
3. O caminho da pesquisa	35
Capítulo IV – Ramos	40
1. Relato descritivo do primeiro encontro para entrevista	40
2. Relato descritivo do segundo encontro para complementação da entrevista	64
Capítulo V – Análise qualitativa das entrevistas	80
Conclusão	91
Bibliografia	97
Anexos	100
I. Entrevista nº 1 com Ramos em 18/07/07	100
II. Entrevista nº 2 com Ramos em 09/08/07	138

INTRODUÇÃO

Acolher, compartilhar, acompanhar... São ações que me fazem muito sentido como formas de ser e estar no mundo.

Gosto de entender o que pode semear as situações com que me deparo cotidianamente.

Às vezes, ao ler um texto ou iniciar o registro de um relato, parto para os questionamentos mais fundamentais da existência como: “Quem somos?”; “De onde viemos?”; “Para onde vamos?”.

Faço tal observação por ter sido essa a forma como iniciei a busca para o tema desta dissertação de mestrado. De início, senti a necessidade – qualquer que fosse o tema escolhido – de contextualizá-lo no tempo e no espaço, sem o qual, presumia, ninguém acompanharia meu raciocínio.

Nesses momentos ficava evidente a importância de ter como respaldo uma orientação acadêmica adequada, na qual professores e colegas pudessem apontar diferentes idéias e caminhos que me levassem a “pôr os pés no chão!”.

Foi assim comigo. Precisei buscar em mim mesma, compartilhando com meus colegas de orientação, o que eu realmente queria. E não foi fácil!

A todo instante, mesmo sem perceber, fugia desse ‘centrar-me’ e logo partia para generalizações ‘universais’ como “A ciência acredita nisso...”, “O ser humano age assim...”, “A religião preconiza isso...” – sem me preocupar em respeitar as limitações relativas a cada uma dessas colocações, pois elas fazem sentido se compreendidas dentro de um corpo teórico específico, num dado momento histórico-social, e de acordo com a especificidade de cada indivíduo e situação. Assim, a mesma condição pode ter vários significados e ser interpretada de diversas formas quando examinada a partir de uma ou outra teoria científica, diferentes profissionais ou em outro momento de vida do próprio sujeito.

Confesso que demorei muito para incorporar essa noção da polissemia dos termos e do conhecimento e para usá-la na elaboração desse trabalho. Mas foi esse caminho que me permitiu decidir qual era o objeto de estudo que pretendia trabalhar e desenvolver.

Foi assim que escolhi refletir, dentre as inúmeras vivências com que nos deparamos cotidianamente, a experiência do adoecer, buscando compreender mais especificamente, quais os possíveis sentidos que a oração assume em situações de adoecimento, já que essa condição expressa uma forma de ser e agir muito particular e própria de cada indivíduo que se depara com essa condição em sua existência.

Partindo de dados referentes à minha atuação como psicóloga no Hospital Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, trago observações com as quais me deparei quando lá fiz meu curso de especialização livre em Psicologia Hospitalar em 1992/93, além de informações que pude ir acrescentando à minha prática profissional como psicóloga nos anos subsequentes.

Observei que no Hospital da Santa Casa de Misericórdia, por se tratar de uma instituição religiosa católica, os conceitos e comportamentos religiosos são considerados no trabalho médico diário por um grande número de profissionais, influenciados pelo contexto. Questões como aborto ou controle de natalidade, por exemplo, costumam ser abafados e velados. Em contrapartida, a busca pela fé é cada vez mais incentivada e valorizada. As

freiras que lá trabalham procuram sempre trazer aos pacientes alento e paz em nome de Deus e da própria religião, nesse caso a católica.

Em texto veiculado pela internet¹, discute-se o tema, citando que *“Todos os batizados na Igreja podem orar por cura. É absolutamente normal que os fiéis se voltem a Deus com a esperança de alcançar Seu amor e a graça da cura. A Igreja incentiva a seus filhos a orar pelos enfermos”*.

Essas observações informais durante meu trabalho na área da saúde e do contexto hospitalar, sempre me remetiam a questionamentos e reflexões sobre a especificidade do papel da oração em situações de crise vivenciadas pelos pacientes durante o processo de adoecimento. Tanto na rotina do hospital como em leituras da área, faz-se presente essa questão e, conseqüentemente, os inúmeros desdobramentos desse tipo de colocação no qual a espiritualidade e a saúde aparecem correlacionadas.

O ser humano está inserido num contexto que abrange dimensões mutuamente relacionadas, referentes ao campo biológico, psicológico, social e espiritual – interfaces que se estabelecem dinamicamente, imprimindo a cada

¹ Disponível em: [http://www.fcpeace.com/entrevista Philippe Madre.htm](http://www.fcpeace.com/entrevista_Philippe_Madre.htm)., acesso em 2007.

um de nós um modo de ser que é pessoal e singular. O homem não é uma unidade estática e sempre harmoniosa, mas dinâmica e em movimento contínuo de equilíbrio e desequilíbrio, movido por tensões internas e externas. Assim, cada adversidade que a vida nos impõe exige uma reorganização, elaborando-se novas experiências, e assim, dando prosseguimento ao existir.

E, para trazer uma imagem que expresse essa minha visão, considero oportuno um parêntese: penso na imagem de um mosaico. Se pegarmos peças desconexas, separadas, não temos sentido ou significado próprio algum, a não ser a existência concreta (material) de cada um desses conteúdos que estão lá presentes no tempo e no espaço. São peças que apenas existem. Mas se pudermos juntar essas partes, correlacioná-las em um arranjo que seja ou não pré-determinadamente estipulado, isto é, se propiciarmos que elas se conectem de acordo com um critério, teremos uma imagem, uma construção própria, com toda sua especificidade e significados. Esses significados formam desenhos, se pensarmos em um jogo de quebra-cabeça; mas, se transpormos essa idéia à existência humana com toda sua riqueza de possibilidades, penso que o indivíduo promove um modo próprio de ser e agir, atribuindo a todo instante novos sentidos às ocorrências e intercorrências que a vida vai impondo, definindo e redefinindo a todo momento organizações já existentes,

assim sucessiva e dinamicamente, criando como no mosaico, diversas formas, sentidos e atribuindo significados às vivências diárias, nunca de forma acabada e definitiva, mas sempre em construção. Essa alusão a um mosaico é uma forma figurativa de explicar um modo de ser sempre em movimento, um processo existencial que, ao meu ver, move o ser humano sempre em uma busca de realização, sujeito a todo instante a modificação e crescimento. Daí a complexidade e a beleza da condição humana, sempre passível de infinitas transformações.

Harmonia² significa “*disposição bem ordenada entre as partes de um todo, (...)*”, ou seja, no indivíduo, é um equilíbrio entre aspectos interdependentes que se inter-relacionam, caracterizando um modo de ser e agir singular a cada um de nós. E a desarmonia remete a uma desestrutura que precisa de um re-arranjo para seguir em frente, seja buscando a conformidade de antes, seja com uma nova configuração. E a doença exige uma re-configuração, pois atinge diferentes dimensões do pensar, do seu bem-estar físico, suas relações sociais, sua dinâmica psicológica e também sua dimensão espiritual.

² Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário Aurélio. Ed. Nova Fronteira, 1993, p. 283.

No atendimento psicológico nas diferentes clínicas do hospital, como a cirurgia, pediatria, ortopedia, hematologia, ginecologia e UTI, entre outras, eu percebia claramente a fragilização do indivíduo acometido por uma doença. Cada paciente reagia a seu modo ao processo que ia desde o diagnóstico até o tratamento proposto pela equipe médica e, com muita frequência, o sofrimento o remetia à busca de algo que pudesse apaziguá-lo frente ao temor do desconhecido, que o ajudasse a resgatar sua unicidade.

Nestas reflexões sobre o modo como via as pessoas enfrentarem suas doenças, vi muitas vezes aflorar a religiosidade do indivíduo, freqüentemente expressa em orações formuladas de acordo com a crença de cada um.

Capítulo I

A RELIGIÃO, A ORAÇÃO E O ADOECER

A literatura da área da Psicologia e da Psicologia da Religião mostra que a religiosidade se faz presente em todas as culturas.

Desde que nascemos, estamos frente a uma realidade que nos é apresentada, compreendendo linguagem, símbolos, valores, personagens, conceitos e comportamentos específicos da cultura na qual estamos inseridos. São essas características que vão definindo o nosso modo de ser e agir no mundo. São referências que abrem possibilidades de sentidos para nossas vivências, constituindo nossa subjetividade. E, com o decorrer de nosso desenvolvimento bio-psico-social e espiritual, vamos construindo toda uma forma de compreensão da vida e de nossas experiências, caracterizando assim nosso modo de ser e estar no mundo. E com as constantes e dinâmicas constituições dessas diversas formas de compreensão, vamos enriquecendo e elaborando cada nova etapa de nossa existência, de acordo com as especificidades e facticidades que a vida nos impõe, conforme a nossa forma de viver e experimentar o que nos é apresentado. Em outras palavras, existe

um mundo natural que está aí para ser apreendido e nos é apresentado pela cultura na qual estamos inseridos, e através de nossa forma de compreendê-lo e de agir vamos transformando ao mundo e a nós mesmos.

As religiões se oferecem como uma das possibilidades de apreensão da nossa vida, isto é, como uma das constituintes da especificidade da condição humana. Elas influenciam a atribuição de significados às questões com as quais nos deparamos ao longo de nossa existência, principalmente as questões presentes em todo o ser humano relativas à origem e final de vida, ao sentido da existência, o bem e o mal.

A isto se refere Aubert³, quando diz: *“Na maioria das vezes, a religiosidade aparece sob uma forma velada: as pessoas começam, por exemplo, se perguntando sobre seus destinos, sobre a morte, e terminam por manifestar a busca de algum tipo de fé, de confiança absoluta, a crença em um Ser superior”*.

A religião aqui, não é compreendida enquanto mera denominação de uma instituição social, caracterizada por um conjunto de preceitos específicos

³ Aubert, Maria Inês. A Experiência da Oração Acolhida na Clínica Psicológica. PUC-SP, 1998.

definidos por uma dada seita e por seus valores, mas como um universo de mitos e símbolos presentes na cultura, constituintes da condição humana e que trazem referências para a atribuição de diferentes sentidos e significados às vivências do homem.

Podemos dizer que as experiências religiosas se dão sempre entre o campo subjetivo e o objetivo, em uma área de transição, na qual essas dimensões não se separam e na qual cada experiência encontra expressão de acordo com a capacidade criativa de cada um. Segundo Aletti⁴ a área transicional, conceituada por Winnicott, perdura de certa forma na vida adulta como uma área potencial, na qual se manifesta a criatividade do indivíduo, constituindo os campos da arte, da cultura e da religião.

Para o autor, a religião é um sistema simbólico, que nos é oferecido pela cultura a que pertencemos e na qual nos constituímos durante todo o processo de nosso desenvolvimento físico e psicológico, e que se torna referência ao buscarmos responder às nossas questões existenciais. A religião, em si, não é boa ou má. A função que desempenha em nosso psiquismo, os significados que adquirimos em nossas experiências decorrem das características do nosso

⁴ Aletti, Mario. Religion as an Illusion: Prospects for and Problems with a Psychoanalytical Model – presented at the Conference for the Psychology of Religion. Glasgow, August, 28-31, 2003.

próprio desenvolvimento psicológico. Assim, a religião pode estar a serviço da patologia ou servir a um processo de cura e crescimento pessoal.

As experiências são únicas, pessoais e de cunho particular, e cada uma terá sua compreensão contextualizada na história de vida própria de cada sujeito, naquele tempo histórico e social, naquela cultura e no momento em especial.

Para Croatto⁵, *“Sobre a base da vivência humana, ou melhor, em suas raízes, insere-se a experiência religiosa. Paul Trilich⁶ escreveu que a experiência religiosa dá-se na experiência geral; elas podem ser diferenciadas, mas não separadas! O que muda é a relação com o sagrado ou com o mistério”. (...) O ser humano religioso tem um comportamento especial. Citando Eliade⁷: “Qualquer que seja o contexto histórico no qual esteja imerso, o homo religious acredita sempre que exista uma realidade absoluta, o SAGRADO, que transcende este mundo, mas que se manifesta nele e, por isso mesmo, santifica-o e o faz real. O sagrado / divino manifesta-se por intermédio de outra coisa. Está mediatizado”.*

⁵ Croatto, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma Introdução à Fenomenologia da Religião*. Ed Paulinas, São Paulo, 2001.

⁶ In Croatto, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma Introdução à Fenomenologia da Religião*. Ed. Paulinas, São Paulo, 2001.

⁷ Eliade, Mircea. *Lo Sagrado e Lo Profano*, 1955. Ed.especial, 1963, p. 170.

Cada mediação revela uma modalidade do sagrado e uma situação particular do ser humano com respeito a ele. Uma árvore sagrada é assim por intermédio de outra coisa, mas sem deixar de ser árvore. Como sagrada, não obstante, tem um efeito religioso que não decorre só do fato de ser árvore. Sem deixar de ser o que é, orienta para outra realidade, captada só pelo *Homo religious enquanto tal*.

E é nesse contexto que se percebe que a dimensão religiosa e os temas ligados à religiosidade estão hoje cada vez mais presentes no cotidiano do ser humano.

Estudos feitos nos EUA, como relata Shafranske⁸, “apontam dados de pesquisa significativos sobre o aumento do interesse pela religião na vida moderna: 86% dos americanos acreditam em Deus, 70% acreditam que há um Deus que responde às suas preces, 64% consideram-se religiosos, 49% freqüentam algum tipo de cerimônia religiosa uma vez por semana e 47% consideram a fé como algo relevante em suas necessidades da vida diária”.

⁸ In Shafranske, Edward P. Chapter 21, p. 565: Kosmin & Lachman, 1993, p. 2 – National Survey of Religious Identification. S/d.

Ainda, segundo o mesmo autor⁹: *“nunca se procurou tanto igrejas, templos ou santuários de oração. O sujeito hoje procura o ritual religioso como forma de aplacar as inquietações e necessidades básicas da existência humana. A multiplicidade de religiões e a diversidade das práticas religiosas crescem na medida em que se busca encontrar um vínculo com o sagrado. Esse vínculo é buscado muitas vezes através da oração”*.

Em outra pesquisa, Paloutzian¹⁰ mostra que 94% da população americana adulta acredita em Deus, 88% rezam e 65% intencionam ser membros de igrejas ou sinagogas (Gallup & Jones, 1989). 53% das pessoas dizem que religião é “muito importante”. Uma alta proporção (84%) acredita que Deus é pessoal e é uma maneira pela qual buscamos alcançar o que pedimos em nossas preces.

No Brasil, em jornal veiculado em maio/07¹¹, pesquisas mostraram que 97% (noventa e sete por cento) dos brasileiros dizem acreditar em Deus (2% têm dúvidas e 1% não acredita). O mesmo jornal mostra em sua reportagem o perfil social dos fiéis no Brasil e a divisão das religiões, bem como as

⁹ Shafranske, Edward P. Religion and the Clinical Practice of Psychology. American Psychological Association, Washington, DC., 1996. Chapter 21.

¹⁰ Paloutzian, Raymond F., in Invitation to the Psychology of Religion, Chapter 1, 1996, p. 2.

¹¹ Folha de São Paulo, Caderno Especial: *Religião*, 06 de Maio de 2007, p. 2.

correspondências entre a porcentagem de fiéis do sexo ‘masculino x feminino’, valores nos conceitos de Deus e ‘Diabo’, pecado e castigo, céu e inferno, vida e morte e santos de devoção.

Ressalto alguns dos dados da reportagem citada:

RELIGIÃO – A FÉ DO BRASILEIRO

97%	ACREDITAM QUE DEUS EXISTE
02%	TÊM DÚVIDAS
01%	NÃO ACREDITA

COSTUMA IR À IGREJA OU A CULTOS?

90%	SIM
10%	NÃO

COM QUE FREQUÊNCIA VÃO À IGREJA

56%	AO MENOS UMA VEZ POR SEMANA
23%	UMA A DUAS VEZES POR MÊS
09%	UMA OU DUAS VEZES POR ANO
02%	MENOS DE UMA VEZ POR ANO

Em relação à oração, a reportagem fornece os seguintes dados:

MOTIVOS PARA IR À IGREJA

POR GOSTAR DE REZAR/ORAR	21%
PARA SENTIR-SE BEM/FELIZ/EM PAZ	19%
PARA PEDIR UMA GRAÇA	13%
PARA ESCUTAR A PALAVRA/SERMÃO	12%
PARA CULTUAR/SERVIR À DEUS	10%
PARA AGRADECER UMA GRAÇA	09%

PERIODICIDADE

70%	DIARIAMENTE
14%	QUASE TODO DIA
07%	UMA VEZ POR SEMANA (AO MENOS)
01%	UMA VEZ A CADA 15 DIAS
01%	UMA VEZ POR MÊS
01%	MENOS DE UMA VEZ POR MÊS
05%	NÃO COSTUMA REZAR/ORAR

Para Usarski¹², “Cada doutrina religiosa tem sua forma de ver e reverenciar a fé e a que suas orações são destinadas. Em suas versões

¹² Reportagem da Revista Veja, Ed. 1997, ano 40, nº 8, de 28 de fevereiro de 2007.

ortodoxas, o judaísmo e o islamismo seguem um transcendentalismo vertical”: o fiel só deve rezar a Deus, e o recurso a qualquer instância intermediária seria equivalente ao pecado da idolatria; enfoque diferente de outras dissidências que já abrem espaços para outras possibilidades, como por exemplo, o hassidismo (uma versão carismática do judaísmo). (...) Entre as religiões orientais, algumas como o hinduísmo, contam com uma pluralidade de divindades que quase torna desnecessária a intermediação de um homem iluminado. Ganesh, o Deus hindu com cabeça de elefante, recebe oferendas e pedidos de intervenção em casos de doenças e outros problemas cotidianos. (...) Temos outro exemplo no próprio Buda, que antes de chegar à iluminação, foi um bodisatva – a versão budista de santo”.

Segundo Ricoeur¹³, para orar é preciso ter algum tipo de crença, de fé e confiança. (...) A partir daí, o homem que se torna consciente desses aspectos do seu ser religioso, vai procurar atingir seu núcleo mais profundo, desejando o Absoluto, isto é, almejando alcançar Deus. Para isso, precisa estabelecer um diálogo ou uma conversação interior com esse poder reconhecido como superior, que afeta sua consciência. À atitude e à “fala

¹³ In Aubert, Maria Inês. A Experiência da Oração Acolhida na Clínica Psicológica. PUC-SP, 1998.

especial”, que correspondem a esse sentimento religioso, é o que se denomina oração.

Essa idéia de destinar seu pedido a uma outra instância vem de encontro ao próprio conceito de orar¹⁴ e de oração¹⁵, que trazem em suas definições a relação direta entre a intenção do ato de fazer súplica, isto é, de direcionar seu pedido, e entre o destinatário a quem é dirigida essa prece. A oração não é somente o uso da palavra, verbal ou silenciosa, mas sim a busca de um diálogo com Deus, um desejo de estar com Ele e assim estabelecer uma sintonia com o divino ou sagrado.

Aubert¹⁶ nos diz que *“A oração aparece em diferentes momentos e sob diversas finalidades: pode-se orar em momentos de muita tensão, em grandes reviravoltas na vida, em momentos de solidão, orar para poder suportar grandes perdas etc. Pode-se orar no início do dia para pedir proteção e sucesso para as tarefas e metas diárias; no final, para agradecer o dia que se teve; ou mesmo, durante o dia, frente uma dificuldade a ser transposta, quase sempre não prevista e muitas vezes ameaçadora”*. E orar subentende um

¹⁴ Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário Aurélio. Ed. Nova Fronteira, 1993, p. 283 (Orar: *“Fazer súplica religiosa, fazer prece, rezar”*).

¹⁵ Idem (Oração: *Enunciado constituído de sujeito e predicado, ou só de predicado*).

¹⁶ Aubert, Maria Inês. A Experiência da Oração Acolhida na Clínica Psicológica. PUC-SP, 1998, p. 2.

recurso, um instrumento para buscar minimizar o sofrimento, a dor, o desconforto, o medo do desconhecido.

No Brasil, o tema da religiosidade relacionado à área da saúde é tratado em artigos de jornais, internet e palestras. Goto¹⁷ coloca que *“Atualmente, assim como nas antigas civilizações, a relação entre saúde e espiritualidade está ganhando papel de destaque. Em diversos países, é cada vez maior o número de estudos apontando que a inter-relação entre ambas influencia no bem-estar das pessoas”*.

Na história da humanidade, muitos acreditavam que as causas e também as curas das doenças eram vinculadas ao aspecto espiritual. Os gregos evocavam a intervenção dos deuses para o equilíbrio humano. Para os romanos, saúde era sinônimo de mente sã em corpo sã.

Groopman¹⁸, ao ser perguntado se acreditava que a fé religiosa podia ter influência em alguns processos de cura, respondeu: *“Acho que rezar e acreditar em algo é imprescindível na medida em que leva uma pessoa a focar*

¹⁷ Goto, Cristiane em reportagem do Jornal da Cidade – 16/07/06.

Ver: http://www.jcnet.com.br/cadernos/detalhe_ser.php?codigo=81007.

¹⁸ Dr. Groopman, Jerome: Doutor e Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Harvard, Chefe de Medicina Experimental do Beth Israel Deaconess Medical Center, em Boston, e Colaborador da Revista The New Yorker. É autor de outros dois livros: The Measure of Our Days (A medida de Nossos Dias) e Second Opinions (Segundas Opiniões). Em entrevista concedida à Revista Veja, Páginas Amarelas, 29/09/04.

sua mente. Já está provado que aquietar a mente traz benefícios diretos ao organismo, como a redução da pressão arterial e dos batimentos cardíacos. Posso assegurar, no entanto, que procurei incessantemente um dado científico que mostrasse que um paciente com câncer que reze se sai melhor do que um que não reze. E não encontrei nenhuma evidência disso. Mas é claro, a oração e a fé são uma forma de ajuda, uma excelente ferramenta para que o doente se sinta esperançoso (...)”.

A esse raciocínio, Pereira¹⁹ acrescenta que, a partir de um embasamento espiritual, a pessoa busca atingir a paz, o equilíbrio emocional, a serenidade mental e uma visão positiva da vida. A autora enfatiza ainda ser relevante nesse sentido nos atermos ao fato de que estamos vivendo, atualmente, um momento de ecumenismo, ou seja, uma postura teórica e prática que acredita que todas as religiões são válidas e, portanto, as pessoas devem se respeitar dentro de suas visões e crenças.

Durante meu trajeto nessa pesquisa, tive a oportunidade de conversar com uma pessoa muito próxima e querida, bastante religiosa e cristã, que me

¹⁹ Pereira, Ana Cristina é psicoterapeuta em Bauru. Entrevistada em 16/07/06 por Cristiane Goto, Jornal da Cidade. Disponível em: http://www.jcnet.com.br/cadernos/detalhe_ser.php?codigo=81007.

apresentou o livro “Cura das enfermidades” no qual Gambarini²⁰ relata: *“As palavras da oração precisam brotar de um coração convicto de estar sendo ouvido por Deus, e convicto de que Ele, conforme promete, não irá nos decepcionar”*.

Nos momentos de quebra da dinâmica cotidiana, como ocorre no adoecer, parece ser comum recorrer à oração. Cada um a remete a um personagem diferente, a uma crença que lhe faça sentido, seguindo um ritual específico de acordo com seu credo religioso, o que nos leva a perguntar sobre os diferentes sentidos que essa experiência de rezar pode adquirir nessas situações de adoecimento.

²⁰ Gambarini, Padre Alberto Luiz. Cura das Enfermidades – Benefício de Jesus. Ed. Ágape, s/d.

Capítulo II

OBJETIVO

Essa dissertação pretende compreender quais os sentidos e funções que a experiência da oração desempenha em situações de adoecimento.

Capítulo III

METODOLOGIA

1. A psicologia da religião – Breves considerações históricas

Segundo Fraas²¹, no mundo ocidental, “a pergunta pela religiosidade do ser humano como fenômeno psíquico foi levantada em seu sentido pleno somente no século XIX. Até então, os seres humanos, independentemente de sua crença (atitude) pessoal ou fé, viviam num mundo determinado por concepções religiosas. A socialização era necessariamente marcada por fatores religiosos, e o indivíduo podia, no máximo, trilhar o caminho do herege, isto é, um caminho diferente do determinado institucionalmente. Mas não podia romper de fato com a interpretação religiosa do mundo. Nessa situação, a religiosidade como relação óbvia do ser humano com poderes sobrenaturais últimos, ou com uma instância do além não estava em discussão. A pergunta não era como tornar-se religioso, mas como tornar-se cristão” (...).

²¹ Fraas, Hans-Jürgen. A Religiosidade Humana – Compêndio de Psicologia da Religião. Ed. Sinodal, 1997.

Por volta de 1900, com o desenvolvimento da ciência e do paradigma positivista, a psicologia da religião buscou despir-se de qualquer enquadramento na teologia e encarar a religiosidade apenas nos aspectos observáveis e descritíveis do comportamento humano. Entendendo-se como “ciência de fatos”, trabalhou basicamente com métodos empíricos, excluindo a transcendência e descrevendo a religião exclusivamente como fenômeno intramundano.

No início do século XX a psicologia da religião adota a “exclusão metodológica do transcendente”. Como bem diz Vergote²² *“Deus não é nem pode ser objeto de pesquisa da psicologia da religião. Isso, porém, não fixa o ser humano numa visão de mundo exclusivamente imanente. Pelo contrário, ele é visto como ser relacional que está constantemente obrigado a alçar-se para além de si. Neste sentido, para o psicólogo, Deus “está presente na medida em que o ser humano se refere a ele por meio de ações propriamente humanas”.*

²² Vergote, Antoine in Fraas, Hans-Jürgen. A Religiosidade Humana – Compêndio de Psicologia da Religião. Ed. Sinodal, 1997.

Para outros psicólogos, como Muller-Pozzi²³ e Ricoeur²⁴, a fé é um “ato intencional”. Assim, a psicologia da religião não é redutível apenas ao comportamento, nem se transforma numa pretensa “ciência de Deus”. Ela se torna uma hermenêutica da linguagem religiosa ou do símbolo religioso, em seus aspectos subjetivo e objetivo. O aspecto subjetivo diz respeito à experiência religiosa e o aspecto objetivo ao comportamento religioso que pode ser observado. Em qualquer dos casos não é tarefa da psicologia da religião perguntar pela realidade ou verdade religiosa, mas sim, por seu sentido, assim como pelo modo como, em seu contexto de vida, a pessoa se torna, ou não, religiosa. A psicologia da religião nesta perspectiva busca compreender os componentes emocionais, éticos e estéticos que baseiam, em cada indivíduo, a apropriação criativa do universo religioso simbólico. Esta é a perspectiva que adoto neste trabalho ao estudar a experiência da oração em situações de adoecimento.

²³ In Fraas, Hans-Jürgen. A Religiosidade Humana – Compêndio de Psicologia da Religião. Ed. Sinodal, 1997.

²⁴ Ricoeur, Paul. Nas Fronteiras da Filosofia. Ed. Loyola, São Paulo, 1996, p. 165. In Fraas, Hans-Jürgen. A Religiosidade Humana – Compêndio de Psicologia da Religião. Ed. Sinodal, 1997.

2. O método fenomenológico na investigação da vivência

A fenomenologia surgiu no campo da filosofia propondo um método que possibilitasse chegar à essência dos fenômenos. Para a filosofia, o caminho fenomenológico inicia-se com a suspensão da crença no mundo natural, buscando retornar ao fenômeno tal como se apresenta, para, através de reduções sucessivas chegar à sua essência.

No campo da psicologia fenomenológica não se trata, porém, de chegar à essência dos fenômenos, tarefa da filosofia, mas, sim, de procurar compreender os sentidos ou significados das vivências para as pessoas em determinadas situações, por elas experienciadas em seu existir.

Para a psicologia fenomenológica, trata-se de empreender “*uma análise existencial ou empírico-fenomenológica de formas concretas de existência*” (Forghieri²⁵).

Na investigação fenomenológica das experiências vividas, é importante que o pesquisador inicie o seu trabalho voltando-se para a sua própria vivência

²⁵ Forghieri, Yolanda Cintrão. Psicologia Fenomenológica. Ed. Pioneira, São Paulo, 1993, p. 59.

a fim de suspender os seus pré-julgamentos para voltar-se à experiência do outro como ela aparece. No entanto, essa suspensão não significa neutralidade, já que esta, assim como a total objetividade, é impossível. Como diz Merleau-Ponty²⁶ (1973), *“é no contato com a nossa própria experiência que elaboramos as noções fundamentais das quais a Psicologia se serve a cada momento”*.

É importante, portanto, que o pesquisador procure colocar “entre parênteses”, isto é, em suspenso, os conhecimentos adquiridos anteriormente sobre a experiência que está investigando. Para tanto, é necessária uma reflexão que revele os pré-conceitos em nós estabelecidos, tornando-os conscientes, sem jamais negar a sua existência e sabendo que, de alguma forma, sempre estarão presentes.

A tarefa, então, da psicologia fenomenológica é a de buscar compreender os sentidos dessas vivências.

²⁶ Merleau-Ponty (1973) in Forghieri, Yolanda Cintrão. Psicologia Fenomenológica. Ed. Pioneira, São Paulo, 1993, p. 4.

Segundo Forghieri²⁷: *“Nada impede que entre as coisas por mim vividas a reflexão fenomenológica se dirija para o outro, pois percebo o outro e suas condutas. (...) Somos um para o outro colaboradores numa reciprocidade perfeita; nossas perspectivas deslizam uma na outra, coexistindo através de um mesmo mundo”*.

Para a autora, a reflexão fenomenológica, no campo da psicologia, constitui-se de dois momentos:²⁸ *“1º) O envolvimento existencial, enquanto um retorno do pesquisador à vivência e sua penetração na mesma e 2º) O distanciamento reflexivo, que consiste na reflexão sobre a vivência e na enunciação de seu significado para a pessoa que a experiencia”*.

Nesse primeiro momento, faz-se necessário que o pesquisador deixe de lado seus julgamentos e os conhecimentos pré-existentes sobre o fato que está pretendendo investigar, se disponibilizando para uma apreensão da vivência em uma profunda sintonia com o outro, buscando dessa forma uma compreensão global, intuitiva e pré-reflexiva.

²⁷ Forghieri, Yolanda Cintrão. Psicologia Fenomenológica. Ed. Pioneira, São Paulo, 1993, p. 60.

²⁸ Idem.

Em um segundo momento, é preciso estabelecer um distanciamento da vivência, para poder refletir sobre a compreensão que vai se estabelecendo. Esse é um trabalho que deve sempre manter um elo de ligação, uma conexão com a vivência, voltando-se sempre a ela a todo instante e a revisando sempre, para com isso buscar a mais completa apropriação e entendimento.

Esse enfoque fenomenológico, como menciona Forghieri²⁹, “*abarca o existir humano em sua totalidade, abrangendo a tristeza e a alegria, a angústia e a tranqüilidade, a raiva e o amor, a vida e a morte, como pólos que se articulam numa única estrutura e cuja vivência dá a cada um dos extremos, aparentemente opostos, o seu real significado*”.

3. O caminho da pesquisa

Citando o caminho percorrido nessa pesquisa, sob o enfoque fenomenológico, no início foi preciso buscar definir mais propriamente o tema dessa dissertação.

²⁹Forghieri, Yolanda Cintrão. Psicologia Fenomenológica. Ed. Pioneira, São Paulo, 1993, p. 10.

A seguir, assim que escolhi o objetivo da pesquisa, ou seja, compreender quais os sentidos que a experiência da oração assume em situações de adoecimento, pude partir para leituras estruturando melhor uma forma possível de abordar o tema.

Após o levantamento bibliográfico, elaborei os capítulos iniciais em que procurei situar um modo de compreender a religiosidade humana e alguns aspectos do papel da oração, mais especificamente no contexto que permeia o processo de adoecer, particular e significativo para cada indivíduo em sua experiência, de acordo com o seu modo de ser e de agir.

Posteriormente, colhi depoimentos que me ajudassem a verificar como o fenômeno que pretendia estudar se manifestava e quais os seus possíveis sentidos. Realizei duas entrevistas exploratórias com pessoas que considero religiosas praticantes, em específico da religião católica, que passaram por situações de adoecimento, e que eu sabia previamente que recorreram às orações durante sua doença. Esses dois momentos exploratórios permitiram esclarecer melhor como conduzir os encontros e refletir sobre as possibilidades de análise. Nenhum desses relatos são apresentados nessa dissertação, pois sua função foi a de verificar se o procedimento era adequado

para a consecução da pesquisa, o que se confirmou, além de permitir o desenvolvimento de minhas habilidades na realização da entrevista semidirigida.

Numa terceira entrevista, realizada em dois momentos, encontrei o relato de uma experiência adequada à proposta desse trabalho.

Penso que o esclarecimento deste caso permitirá mostrar sentidos da oração e poderá ser útil para os psicólogos que trabalham com pessoas doentes, assim como para pesquisadores que se interessam pelo tema.

Como a entrevista se deu em duas datas diferentes, tive a oportunidade de apresentar o primeiro relato para discussão e orientação, levantando observações e sugestões sobre aspectos que melhor poderiam ser abordados no segundo encontro, a fim de atender ao objetivo desse trabalho. No segundo contato, tive todo cuidado em não dirigir o relato, mas sim aprofundar os pontos trazidos pelo sujeito, para poder captar sua experiência da forma mais plena possível.

Após a transcrição literal da entrevista, passei a ler e reler várias vezes todo o material e assim ir selecionando os principais pontos que foram abordados pelo sujeito em sua fala.

Elaborei então um relato descritivo para prosseguir com a análise psicológica, buscando levantar os diferentes sentidos da oração na situação de adoecimento para a pessoa entrevistada. Procurei identificar, como refere Giorgi³⁰, unidades de significado a partir das falas tais quais foram relatadas, e assim elencar os tópicos trazidos por Ramos para analisá-los, segundo a concepção metodológica apresentada nessa dissertação, considerando que cada pessoa em sua individualidade tem seu modo de entender o mundo, atribuindo significados às suas experiências de vida.

Esta forma de interpretação corresponde à proposta de Giorgi³¹: “A *psicologia fenomenológica* interessa-se pelos sentidos que os sujeitos conferem aos referentes através de seus atos de consciência. Mas neste campo é extremamente amplo e é por isso que ela deve se limitar aos aspectos individuais, aos aspectos da construção dos sentidos que dependem dos

³⁰ Giorgi, Amadeo in Delefosse, Marie Santiago et Rouan, Georges. Les Méthodes Qualitatives en Psychologie. Ed. Dunod, Paris, 2001.

³¹ Giorgi, Amadeo: Phenomenological Psychology, in Smith et al (ed), Rethinking Psychology London, Sage Publication, 24-42. S/d.

sujeitos nas situações cotidianas concretas. A metodologia fenomenológica permite compreender o sentido das relações concretas implícitas através da descrição original da experiência de uma situação particular vivida”.

Após o relato descritivo e a análise por unidades de sentido e seu agrupamento em tópicos, pude preparar um texto reflexivo, abrangendo uma interpretação qualitativa mais efetiva das explicitações dos sentidos da oração nas situações de adoecimento para o entrevistado. É esta análise final que apresento na dissertação.

Para finalizar, elaborei a conclusão e algumas considerações finais que julguei pertinentes para o encerramento desse trabalho.

Capítulo IV

RAMOS

1. Relato descritivo do primeiro encontro para entrevista

Ramos foi indicado por uma conhecida. Segundo ela, era uma pessoa que gostava de compartilhar sua história com quem estivesse disponível para ouvi-lo. O primeiro contato foi feito por ela, via telefone, apenas indagando se ele aceitaria ser entrevistado por uma psicóloga que estava fazendo mestrado, para falar sobre sua doença e outros aspectos a ela relacionados. Ele concordou, e ela agendou um horário para aquela mesma semana para o contato inicial. Fomos à casa de Ramos, onde se deram as apresentações e, em seguida, ela se retirou. A entrevista foi feita na sala da casa, à tarde, sem interrupções.

Ramos me recebeu prontamente, e logo foi se colocando sem dificuldade para expressar-se ou alguma inibição. Começamos conversando sobre assuntos gerais e, a seguir, apresentei o tema do trabalho sem aprofundamento, apenas informando que estava procurando obter um

depoimento de alguém que tivesse passado por uma situação de adoecimento e um relato de sentidos e significados dessa experiência. Ao fazê-lo, minha intenção era de aproximar Ramos de sua vivência de adoecimento, para, em seguida, abordar o tema específico da oração. Enfatizei que ele poderia falar livremente e eu perguntaria se algo não ficasse claro. Em seguida, expliquei sobre a gravação e as autorizações que precisariam ser assinadas, no que ele concordou prontamente, enfatizando que gostava muito de falar e de compartilhar sua experiência com as pessoas! Ramos assinou os termos de consentimento e começou a falar.

Ramos tem 56 anos de idade, é casado, e tem três filhos; a mais velha é formada em Medicina, o segundo é veterinário, e a última está estudando Rádio e TV. Seu diagnóstico foi de câncer, descoberto em 2005, e submeteu-se a tratamento intensivo até março de 2006. Atualmente, está em acompanhamento médico, que deverá acontecer por cinco anos, período em que estará sendo avaliado para acompanhamento de possível remissão da doença. Ramos se mostrou bem disposto, confiante e muito interessado em falar de todo o processo pelo qual passou.

A entrevista começou com Ramos contando como foi a descoberta de sua doença, desde o primeiro sinal que sentiu em seu corpo, até a realização de exames que confirmaram o diagnóstico de um câncer bastante agressivo e maligno: *“Em julho de 2005 acordei... E senti um pequeno nódulo embaixo do meu braço (apontando para a axila esquerda)... Aí a minha filha estava em casa, essa que é médica, era sábado... E falou: Pai, vamos aguardar quinze dias... Às vezes, nasce uma coisa na gente e depois some... Então levei a minha vida! Só que todo dia eu olhava e eu via que esse caroço estava aumentando!... E de pititico ficou grandão... Aí um dia eu fui em uma médica, amiga da minha filha, com a minha mãe que era paciente e estava em consulta. Mostrei o nódulo para ela, e quando deu uma olhada falou: vamos fazer um ultra-som disso aí... Nisso, já estava perto de agosto... Pronto! Aí, quando eu peguei o exame e abri eu já falei: estou com um problema na minha vida!... Eu já fiquei meio preocupado... Aí eu comecei a desconfiar que eu podia ter uma doença séria...”*.

Ramos me contou então sobre uma situação que o afetou muito há uns dez anos, quando passou por sérias dificuldades financeiras. Ele tinha uma empresa no ramo de transportes que faliu, fazendo-o perder a casa onde morava e outras posses, afetando toda a família e exigindo dele uma série de

procedimentos no dia-a-dia para conseguir resolver problemas fiscais, monetários, bancários e outros a esses relacionados: “E um dia... Eu tinha uma empresa de transporte... Era uma empresa grande, tinha muitos funcionários, isso antes de acontecer isso aí, lá pra trás. Aí eu tive muito problema com essa empresa e tal! Perdi dinheiro, casa, perdi tudo, foi um passado que talvez esse passado justifique o presente. Então eu passei um aborrecimento. Imagina você perder uma casa, você perder... O meu estado emocional foi lá pra cima, fiquei nervoso, e aí aconteceu isso aí, entendeu?”. E acrescentou: “Isso foi dez anos antes! Mas depois disso aí, que aconteceu esse negócio aí, a minha vida nunca mais foi a mesma, porque os problemas ficaram e eu estava sempre tentando resolver os meus problemas. Não que eu parei com o transporte. Eu continuei com o transporte, continuei com a empresa, mas aí eu tive problema com imposto, ICMS, oficial de justiça... Milhões de coisas! Eu não sei se esse lado emocional influenciou nesse tipo de coisa aí, porque ninguém sabe exatamente porque isso surge! Como ele se manifesta em você e não em outra pessoa! Porque eu já tinha propensão genética pra isso! Existe alguma coisa que desencadeou! Bom, isso era a minha vida antes, muito incerta, muita correria, muitos problemas, muitos problemas. Só uma coisa eu não tinha que era problema de família. Então isso me ajudou! Nós sempre, em qualquer problema que nós tivemos, nós fomos muito unidos. Então eu nunca

tinha problema de relacionamento familiar. Isso fez com que eu tocasse a minha vida normal. Eu consegui fazer a minha filha estudar, ela se formou em Medicina, faculdade particular, né?, e isso é muito caro! O meu filho se formou na USP, é veterinário, e a outra filha está estudando TV e Rádio. Só que eu tive muito problema emocional, muito, muito, muito! Então eu tive que me virar pra poder sustentar as coisas. A minha mulher trabalhava na prefeitura, nunca deixou de trabalhar, hoje se aposentou, mas ela ajudou muito, em todas as partes da minha vida. Depois eu vou te falar o que ela fez! Então, talvez, quando aconteceu isso aí eu continuava com uns problemas, e eu achava que eu não podia falar, porque eu segurava pra mim os problemas porque eu achava que não podia abrir! E eu procurava poupar a minha esposa, porque como ela tinha o salário dela, que era um salário legal, eu conseguia pagar as contas da casa; só que os meus negócios continuavam enrolados, entendeu? Estava tudo enrolado e eu levava a minha vida”.

Após alguns exames intermediários com idas a laboratórios de radiologia, ultra-sonografias e punções, teve o diagnóstico de câncer confirmado: “Aí eu peguei um médico muito legal porque foi muito sincero e muito claro. Ele só perguntou pra mim: ‘Você sabe o que você tem? O que o senhor sabe sobre câncer?’ Imagina alguém falar isso pra você! P...! O que

eu sei sobre câncer? Ah! Eu sei que câncer é um negócio muito sério e quem tem não dura muito. (Risos!) E ele falou: ‘Não. O senhor vai ter que esquecer tudo que sabe sobre câncer. Você tem um câncer linfático!’ E perguntou se eu sabia o que era linfoma. Eu nunca tinha ouvido o que era linfoma. Não sabia nem o que era isso, nem que tinha isso aí. Então: ‘O senhor está com linfoma com certeza e tal. Mas a gente pra ter certeza absoluta não vai ficar só com essa punção que você fez! A gente vai te internar, agora!’...”. E após novos exames, os médicos falaram: “Foi constatado que você tem um linfoma, é maligno, você tem um tumor maligno no sistema linfático, e você vai começar a fazer o tratamento”.

Segundo Ramos, sua primeira reação para enfrentar o problema foi divulgar seu estado de saúde para todas as pessoas envolvidas em suas atividades rotineiras, a fim de poder elaborar estratégias que pudessem dar conta de suas necessidades de tratamento médico, como internações para sessões de quimioterapia e manter os negócios diários com os quais se ocupava em seu cotidiano de vida familiar e profissional: *“Aí eu falei, a primeira coisa, eu tenho que avisar as pessoas. Primeiro porque as pessoas têm que saber, todas, quem são todas? Os meus clientes, o banco onde eu tenho conta e as minhas coisas, meus parentes, meus amigos, todo mundo*

precisa saber! Aí eu comecei a falar pra todo mundo! Não sei se aquilo lá mexeu com a minha cabeça, mas eu falava pra todo mundo: ‘Eu estou doente, estou com câncer’. E aí tudo que eu queria falar, eu queria comentar, eu queria saber, tudo eu falava pra todo mundo. Eu achei que era o primeiro passo que eu devia dar na minha vida! Era eu falar pras pessoas pra elas entenderem que eu ia ter problema! No banco, porque sabia que eu estava enrolado pra c...; pros meus clientes, pra eles poderem me dar uma segurada nas minhas coisas e pra ter uma garantia de que eu ia continuar com aquele trabalho, não é verdade? Pros funcionários, pra eles saberem que eu ia ter problemas, porque tudo girava em cima de mim até aquele momento, entendeu?”.

Inicialmente, o tratamento estava sendo feito com internações apenas uma vez por semana, o que não o impedia de seguir a rotina de sua vida, mas, com o passar do tempo, o diagnóstico foi conclusivo e foi necessária a internação para tratamento. Ramos ficou em um estado bem mais debilitado com o efeito da medicação ministrada: “...*Eu já não achava que ia morrer! Porque eu achei que ia morrer num primeiro momento. Eu achei que ia ter uma vida curta, pois daqui pra frente quem tem câncer morre! Mas aí eu já tinha um tratamento proposto, o médico falou que eu tinha chance, tudo legal!*

E eu comecei o tratamento. Aí na primeira vez eu cheguei lá no hospital, no local que faz quimioterapia, no ambulatório deles, entrei e fiquei aguardando ser chamado... Aí na outra semana voltei. Eu tinha voltado pra casa, tudo bem, saí animado! Aí aquele medo que eu tinha que dizem que você faz quimioterapia e passa mal eu não senti! Parecia que tinham me dado soro! Não senti nada! Estava tudo normal! Aí na outra semana eu fui lá e me aplicaram uma injeçãozinha! E eu falei: 'Essa é a quimioterapia? Essa injeçãozinha que vocês me deram?'. A minha mulher e a minha cunhada tinham saído e eu fiquei esperando elas voltarem porque tinha sido tão rápido! Saí, sentei lá fora e fiquei esperando. Quando elas voltaram eu falei: 'Mole! Mole!'. E voltei pra casa. Aí eu fui pra próxima sessão. Quando eu cheguei lá eu tinha que passar por exame médico, eles tiram o seu sangue pra ver como está a sua imunidade, pra ver se você pode continuar o tratamento ou não! Aí a moça lá falou: 'Olha! Eu tenho uma notícia muito séria pra dar pra você. É! Não é uma notícia muito boa não. O tratamento que eu estou fazendo é um tratamento que vamos ter que parar! É um tratamento errado porque esse linfoma que você tem não é o linfoma que a gente estava achando. Você tem um linfoma muito mais grave! É o linfoma de Hodgkin. É o linfoma mais agressivo que tem, que existe, de linfoma! E o tratamento não pode ser esse espaçado e voltar pra casa. O tratamento que você vai ter que

fazer é internado’. Aí eu falei: ‘Não!’ Então aquilo que eu achava que eu podia resolver durante a semana mudou tudo! E os meus ‘rolo’? Então não vai dar mais pra trabalhar, eu não vou conseguir! Porque aí caiu a ficha! Então eu voltei pra casa e nem me deram quimioterapia aquele dia. Aquelas duas sessões que eu tive ficou por água abaixo. Eu já fiquei na casa da minha filha. E as minhas coisas eu fui tocando assim. E eu falava: ‘E agora?’ Aí me internaram e eu tinha que ficar uma semana internado. Começava com o tratamento na medula, quimioterapia na minha medula e colocavam medicamento lá. Aí colocavam 24 horas de remédio direto, eu internado, e a semana toda tomando quimioterapia... Aí pronto!... Porque aí eu falei que se danem as minhas coisas! Eu acho que eu tenho que cuidar da minha saúde!”.

Nessa etapa do tratamento, os familiares de Ramos assumiram o controle da casa e o controle financeiro. Descobriram, então, todas as dificuldades e a gravidade da situação em que se encontravam e desconheciam até aquele momento. Era costume de Ramos controlar todas as finanças, não compartilhando com a família os problemas que enfrentava: “Mas aí eu tive a sorte, porque eu sofri uma... uma... Como é que fala... Eu sofri uma... uma intervenção entendeu?... Da minha mulher e da minha cunhada! Elas resolveram fazer uma auditoria das minhas coisas! (Risos) Ah, meu Deus do

céu! Tudo que eu tinha escondido, tudo que eu não tinha falado, tudo que eu não queria pedir, tudo que eu queria fazer... Elas descobriram o rombo! Só pra você ter uma idéia, se coloca na situação de um sujeito preso num hospital, a esposa sabia do problema, mas não sabia a gravidade do problema, até que ponto eu estava enrolado com o dinheiro. Pra você ter uma idéia era por volta de R\$ 100.000,00, vai! E a curto prazo! E eu lá sem poder nada, eu já não podia mais dar opinião porque a coisa era tão iminente! A minha maior preocupação naquela época era essa parte de dinheiro. E eu só fiquei sabendo depois. Elas voltavam pra casa e continuavam procurando. E eu fiquei sabendo depois de umas decisões que elas tomaram! Porque aí eu não podia falar aceite ou não aceite! Você imagina o que elas fizeram. Simplesmente elas arrumaram uma grana aí e acertaram essa parte. Pegaram tudo que eu tinha na época, mais a irmã dela, e tomou uma postura que dificilmente as pessoas tomam num momento desse: O que elas pensaram? O que ele mais precisa num momento como esse é de tranquilidade. Porque era um tratamento longo, porque iam ser seis ciclos dessa maneira que eu te falei! E sempre uma semana internado. Elas pensaram que o que eu precisava pra me recuperar e pra fazer esse tratamento era de tranquilidade, e não ficar pensando no abacaxi aqui que ia estourar! Elas queriam era tirar preocupação. Essa ajuda financeira nem sempre é o que as pessoas fazem.

Então foi uma coisa muito gratificante, muito legal, que eu não sei o que eu posso falar pra uma pessoa que faz um negócio como esse que a minha cunhada fez! De pegar uma grana alta dessa e te colocar na mão sem saber se eu ia ter condições a curto prazo de devolver pra ela! E fez! Arrumou o dinheiro, ela tinha uma casa em Campos do Jordão e vendeu a casa pra arrumar o dinheiro!”... (pausa e breve choro)... “Eu fico emocionado”... (pausa e breve choro)...

Esse foi o momento da entrevista em que Ramos manifestou maior emoção. A partir daí, centrou-se neste fato pois, segundo ele, ter sido valorizado foi o maior incentivo possível para que pudesse aderir ao tratamento, como se esta adesão fosse uma forma de agradecer e fazer jus ao apoio recebido e à confiança nele depositados: *“E eu não pedi! Elas fizeram! E era uma situação que eu estava todo arrebitado, não tinha mais condição nenhuma de falar faz ou não faz! É muito bom você se sentir uma pessoa importante! Dali pra frente quem era eu pra ficar reclamando do meu problema, ou do que ia acontecer comigo, se elas estavam tomando todas as iniciativas! Elas vinham pra cá, pagavam as contas, acertavam as coisas... Aí eu resolvi fazer o seguinte: Por lá eu trabalhava. Eu pegava o celular, ficava ligando pros clientes... Porque aquilo me deu uma injeção de ânimo! Aí eu*

falei: Puxa vida! Eu tenho pelo menos que me dar, um pouco de mim, eu fazia a minha parte, entendeu? Daí foi, pra você ter uma idéia, nove pra dez meses de tratamento. Dez ou onze meses de tratamento. Eu comecei em setembro e terminei em março. Foi um voto de confiança muito grande, você ver as pessoas cuidando das suas coisas! Então isso me ajudou profundamente, isso ajudou muito na minha recuperação. Que foi o que? A atitude humana, não foi nem a financeira não, foi dela (apontando para outro aposento onde estava a esposa) me ajudando aqui, da minha cunhada tomando a postura que tomou, entendeu?”.

Após descrever sua doença, Ramos falou de suas vivências frente ao adoecimento. Contou, inicialmente, de um certo temor de não chegar a participar de momentos importantes da vida do filho: “Será que eu não vou ver a formatura do meu filho, que ele ia se formar em Veterinária, porque na cabeça de uma pessoa doente passa esse tipo de coisa... Então! No começo eu pensava: Puxa vida! Lutei, lutei, lutei! Briguei, briguei, briguei! E de repente vou terminar sem ter concluído o final da minha missão. Que é, eu tenho três filhos, só uma formada, talvez até visse o meu filho formado, mas e a caçula, eu vou ver se formar? Tudo por uma fatalidade da doença, entendeu?”.

Foi quando pedi que ele me falasse mais dessa experiência:

“Então, eu aprendi uma coisa: eu não tenho mais medo da morte! Porque eu sei que uma hora eu vou morrer. Eu acho que eu estou tendo uma sobrevida! Geralmente as pessoas que têm câncer e fica legal, isso é uma sobrevida! Então você tem que saber aproveitar a sobrevida. E você tem que eliminar de você o que mais de problema te trazia... Eu resolvi dar um ritmo diferente na minha vida! O que eu imaginei que ia acontecer comigo é que eu ia mudar. No começo eu pensei: Eu vou mudar! Só pra você ter uma idéia que as pessoas mesmo passando o que eu passei, elas não mudam a personalidade! E eu pensei que eu ia mudar! Eu jamais vou ficar nervoso de novo! Eu não fiquei mesmo nos primeiros seis meses, porque agora em março faz um ano! Nos primeiros seis meses eu fiquei uma beleza, não ficava nervoso com ninguém, não me aborrecia, eu ficava olhando a formiguinha passar, não ligava pra nada de bobeira, aí foi passando o tempo e você percebe uma coisa: a distância vai fazendo com que você continue sendo você; você não muda, a pessoa não muda! Você pode mudar atitudes, você não muda a personalidade, até muda alguma coisa, uma maneira de pensar, mas você não consegue controlar como a pessoa é! Às vezes eu penso: Puxa! Eu posso me controlar! Mas eu sou assim! Eu fico nervoso! Eu achei até que eu estava ficando babaca, entendeu? Mas com o tempo eu vi que eu não mudei nada!

Eu já estou começando a ser o que eu era antes! Mas tem coisas que eu preciso consertar pra... Porque eu percebo que eu começo a ter os mesmos vícios, os mesmos defeitos... E eu estou lutando pra que eu mude! Eu continuo lutando com o meu interior, com o meu eu lá dentro, procurando ver o que eu passei... Se eu continuar assim eu posso ficar doente de novo, porque eu não sei a origem do porque isso aconteceu comigo! Também eu não posso dizer que aconteceu isso comigo porque eu era uma pessoa muito agitada, muito explosiva ou talvez não tenha sido, mas talvez possa ter sido! Talvez eu tenha procurado problemas porque eu passei por muitos problemas que eu procurei, eu criei os meus problemas e depois eu não conseguia resolver. É esse tipo de coisa que eu tenho que evitar que aconteça novamente: eu criar problemas para que depois outras pessoas tenham que resolver os meus problemas! Resolveram porque eu fiquei doente e eu também não tive a sensibilidade na época de abrir os meus problemas e evitar chegar no nível que chegou se eu pedisse ajuda antes! Eu devia ter tido humildade de pedir ajuda antes, entendeu? As pessoas têm que perceber que quando estão com problemas devem pedir ajuda antes! Vá procurar ajuda antes do problema ficar tão sério!”.

Ramos apontou ainda alguns aspectos de sua vivência no processo de adoecimento: *“Eu procuro falar mais! Eu pelo menos não escondo mais nada. Antes eu não falava nada! Eu estou procurando tentar ouvir mais as pessoas, ouvir mais os meus filhos, os meus amigos. Deixar as pessoas falarem o que querem pra mim. E eu me colocar sem achar que só eu tenho razão. Eu acho que eu tenho melhorado um pouco. Só de hoje eu estar falando é sinal de que eu melhorei, entendeu?... Antes eu era o dono da verdade”*.

Nesse momento Ramos passou espontaneamente a trazer aspectos relacionados ao campo da religiosidade e de sua espiritualidade: *“Eu estou tentando mudar! Porque isso serviu de lição de vida pra mim! Eu nunca me apeguei a nada, mas teve uma coisa que eu achei interessante, que eu me apeguei... Por exemplo: me deram uma santinha de Nossa Senhora Aparecida e eu me apeguei muito a ela. Eu não sou um cara muito religioso e eu me apeguei àquilo, entendeu? E aquilo lá parecia que antes de eu conversar com uma coisa eu conversava com a santa, então nisso eu mudei porque até hoje eu fico pensando; eu preciso ir lá em Aparecida mas só que eu demoro muito pra fazer as coisas”*.

Foi então que pedi para que Ramos explicasse melhor como essa religiosidade se apresentava e era expressa: *“...Era de agradecimento por todo o dia que eu estava vivendo. Não era uma coisa assim direto! Mas é sempre quando eu vou voltar. Aí eu orava pra ela!... E até hoje eu faço, eu continuo orando pra acordar e pra deitar. Todo dia pra agradecer o dia que eu acordo... É só uma conversa, porque tem uma Nossa Senhora Aparecida bem na frente da minha cama!”*.

Perguntei o que esse orar significava para ele: *“É uma sensação boa! Vamos supor: se você teve algum vício na sua vida, de cigarro, de tomar uma bebida, é uma sensação assim, interna, tão boa que cada vez que eu chego lá no meu quarto onde está a santa, de noite, que eu vou sentar lá à noite, eu fico lá olhando e é uma sensação boa... Igual está fazendo falta se não estiver tragando um cigarro”*.

E acrescentou: *“Então! E esse tipo de coisa eu não tinha! Eu não era assim! Eu me deitava e tchau e bença e levantava no outro dia! E hoje eu continuo fazendo esse ritual! Todos os dias! Todos os dias! E outra coisa que eu procuro fazer todos os dias é ver o pôr do sol! Quando eu consigo ver aqui da minha varanda, quando o dia está bonito eu vejo aqui da minha varanda o*

sol se pôr! E daqui não dá pra ver ele nascer porque senão eu ia ver! Porque eu acho que é importante o pôr do sol porque eu acho que é mais uma etapa da sua vida que você está vendo. Então eu passei a valorizar um pouquinho mais a minha vida, entendeu?”. E ainda: “Então eu só sei de uma coisa: a esperança de vida que eu passei, de doença, me fez ver que eu sou uma pessoa como você, como outro, como o meu ajudante... Eu não sou mais nem melhor que ninguém. Eu simplesmente faço parte do sistema, que é um ciclo, que vim aqui por algum motivo. Talvez disso eu talvez eu comecei ter mais percepção: de que você não está aqui por qualquer coisa. Eu faço parte de algum emaranhado maior, ou alguma coisa mais, tipo cosmo, uma coisa mais espiritual que faça com que você tenha uma razão de estar, uma razão de estar porque... Eu tive muito doente, por exemplo, eu tinha a minha mãe, não queria que a minha mãe soubesse porque podia ficar doente. E a minha mãe morreu. E eu não fui... (pausa)... Entendeu?”.

Ramos falou então de sua formação religiosa: *“Eu sempre fui católico, não praticante! Aquele católico que não tem uma formação muito sólida. Na minha infância eu tenho uma lembrança que a minha avó me levava numa igreja evangélica, eu ia muito na igreja evangélica com a minha avó, só que eu não sou evangélico. Creio em Deus, mais do que nunca. Agora!*

Aumentou minha fé e minha crença em Deus! Não creio, não creio que Deus ou algum santo, como as pessoas falam, vai estar preocupado especificamente com você! Você faz parte do sistema! Mas creio que não chegou a minha hora! Creio que eu tive que ficar doente pra ter percepção de alguma coisa diferente, que talvez eu esteja buscando ainda! Que nesse período de doença eu não tive tempo de buscar ainda. Mas creio nisso! Eu acho que eu tenho um motivo que eu vou ter que descobrir porque eu tive que passar por isso, porque eu tive que passar por todo esse problema, porque eu sofri tanto, porque as pessoas se envolveram tanto no meu redor”.

Ramos atribui a si próprio um estado emocional muito positivo, que lhe permite sentir-se seguro para enfrentar as adversidades impostas pela vida: “É porque eu estou tão bem! Porque eu estou muito bem comigo, estou bem psicologicamente. Eu não fiquei depressivo em nenhum momento... Eu encarei muito bem! Mas eu acho que foi todo um aprendizado! Eu aprendi! Eu tirei proveito de coisas ruins! Eu acho que a doença... Gozado... Geralmente a doença afasta as pessoas, ela não é um momento de união das pessoas, mas na minha experiência foi muito ao contrário, eu me senti mais unido à minha esposa e aos meus filhos do que antes da doença. Só o valor que eles me deram!...”.

Ramos acentuou novamente que considerou de grande importância o apoio que obteve da família durante todo o tempo: *“A minha esposa ficava comigo no hospital o tempo todo! Eu não sei, já falei isso pra ela, se eu teria esse desprendimento de ficar com ela o tempo todo! Eu devia estender um tapete vermelho toda vez pra ela passar! Ela subiu muito no meu conceito de esposa, de família. Isso é esposa! Família é muito importante! Falam que família está fora de moda mas não é assim. Pessoas que têm família conseguem esse respaldo que eu te contei! Eu me emocionei hoje porque eu falei da família. Eu recebia visitas de primos e parentes que fazia tempo que eu não via. Teve uma tia que eu nunca vi, eu nem conhecia. Era irmã da minha avó, bem velhinha, mais de noventa anos e foi lá me visitar no hospital”*. E também o apoio de amigos e das pessoas à sua volta: *“Mesmo as pessoas que trabalham comigo, a compreensão que tiveram. Os caras não deram um aborrecimento! Todo mundo resolveu esperar eu me recuperar. Todo mundo ficou esperando, entendeu?”*.

Para Ramos, o bem-estar que conseguiu durante a doença e sua adesão ao tratamento, foram possibilitados, também, pelo fato dele não se entregar ao temor de que a doença possa voltar. Mas, caso isso aconteça, diz que não desistirá de lutar e buscar novamente bons resultados. Ramos diz não desistir

pois sua vida é algo que ele preserva e acredita ser possível enfrentar futuros problemas: “Então é aí que você vai buscar a força que você está precisando. Eu sempre imaginei que era patife, porque eu nunca tinha doença, eu não gostava de tomar injeção. Imagina passar pelo que passei. E eu estou assim, hein? Porque eu vou ter que fazer o acompanhamento por cinco anos. Pra ver se tem remissão. Eu tenho plena consciência de que pode voltar. Só que eu estou assim! Se voltar eu vou lá ver!... Eu estou preocupado porque tem um carocinho que voltou! Aí eu fiquei agoniado mas eu voltei lá no médico e eu ia voltar só mais no fim do ano. E eu fui lá porque se eu tiver que fazer eu quero encarar logo! Porque o que mais pega na gente é essa incerteza de ter ou não ter porque você já sabe o que é, eu sei o que é o problema. Eu inclusive desconfio dos médicos, porque eu fico sentindo tudo! A minha família é que fica pedindo pra eu esperar mais! Porque tem coisas que vem e desaparecem logo! Eles falam que eu estou me cutucando muito, mas eu acho que se não tinha e agora tem eu tenho que ir ver logo! Gato escaldado tem medo de água fria. Eu já falei com a minha filha. Até a médica não sentiu nada, mas eu sinto sim! Ela até falou se não era da minha cabeça, mas não é! Eu estou sentindo! Então é assim!”.

Ramos comentou ainda que em conversa com um amigo surgiu uma pergunta sobre o apego à religião nesse período: *“Eu tenho um amigo que me perguntou se eu fiquei mais religioso e eu falei que não, mas eu devo ter ficado!... Só de eu toda noite ficar orando pra Nossa Senhora Aparecida, né? E eu tenho uma imagem no carro de Nossa Senhora Aparecida, e eu nunca colocava essas coisas, agora ela caiu, quebrou, e eu não joguei fora, eu deixei no porta-luva... Eu me sinto mais seguro! (Risos) Se aquilo fez tão bem pra mim, porque eu vou tirar ela de lá? Deixa ela lá! Porque de tudo que me deram, e me deram muita coisa nessa época... Teve até quem queria me converter. Mas eu acho que as pessoas que estavam muito debilitadas e elas estavam depressivas, essas pessoas eram mais fáceis de serem convertidas. Não é que é mais fácil ou mais difícil! Elas se convertem por si só porque elas não tem mais opinião”*.

Ramos falou de diferenças entre as religiões católica e evangélica, bem como de costumes e rituais diversos oferecidos para as pessoas enfermas por outras crenças e religiões: *“Tinha um grupo pastoral e os evangélicos... O que eu não achava legal eram os evangélicos, porque eles iam lá e pareciam, da maneira que eles tratam a religião deles, e eu nunca falei porque eu não ia falar isso lá, parecia que estavam encaminhando a alma do sujeito lá pro céu!*

O sujeito já estava todo depressivo lá e do jeito que eles faziam era muito ruim! Eu saí do quarto porque eu não queria participar daquilo ali! Eu tinha as minhas visitas, me levavam coisas pra ler ou rezavam pra mim, mas não era pra encomendar minha alma! (Risos)... Eu rezava com elas mas não eram orações grandes. A gente lia os papeizinhos que eles levavam. É aquilo que eu falei antes! Eu não acho que Deus ia perder tempo com tanta gente lá! Eu estava buscando a minha cura do meu corpo e não da minha alma! Eu separei bem, depois que fiquei doente, a concepção de corpo e alma! Corpo é essa matéria que nós temos aqui e que ficou doente, mas a minha alma era outra coisa, estava bem, legal! Gostei muito sim de coisas que me deram, gostei muito, por exemplo, da minha irmã, que é da igreja messiânica, e me trouxe uns ensinamentos bons, ensinamentos de vida mesmo que eu vi lá! Tem uma parte da Messiânica que eu concordo e outra não, entendeu? O meu sogro faz parte da Rosa Cruz, que não é uma religião, mas faz parte de uma coisa mística, ele me trouxe umas coisas boas. Tudo isso foi bom porque eu percebi das pessoas um interesse e uma energia muito positiva pra dentro de mim. Pra você ter uma idéia, me trouxeram aquela coisa da pílula do Frei Galvão. Eu não tomei porque não me deixaram, né? Porque naquela época, no comecinho, eu fazia qualquer coisa porque naquele momento eu estava

topando qualquer coisa, eu estava atirando pra todo lado, mas depois eu parei de atirar porque achei que não era legal!”.

Concluindo, Ramos fechou a entrevista colocando reflexões pessoais: “É isso que está mudando, esse meu lado está mudando pra eu ser mais humano com as pessoas. Eu tenho certeza absoluta que nesse lado humano de compreender mais as pessoas, de compreender o que está se passando, isso eu acho que a gente tem que estar mais presente, quando a pessoa precisa... Esse lado eu acho que melhorou bastante e vai melhorar bastante. É só uma questão de eu aceitar que eu estou curado e posso ajudar o outro. Quanto mais o tempo passar, quando eu for lá no médico de novo no mês que vem e descobrir que eu não tenho nada, eu vou me sentir mais seguro. Eu já até pensei em ajudar pessoas que tem o mesmo problema meu, tentar passar alguma coisa positiva, mas nada do lado religioso não, é mais de experiência de vida mesmo! Porque isso faz bem! Você que é psicóloga deve saber! Isso faz bem só até pra mim! De falar no assunto, né? Eu me emocionei de novo porque isso me faz bem! É tão bom você deixar aflorar teus sentimentos, deixar uma palavra, um elogio, né? Você falar que ama uma pessoa, pode abraçar um amigo, a gente nunca tem tempo, não é isso? E na hora que você vai pro hospital você percebe que são nessas horas que você tem que

valorizar! Feliz é a pessoa que chega à conclusão que eu cheguei! Que nada vai parar com a minha ausência. Eu não vou parar com a evolução humana ou com a evolução da minha vida e com a minha vida, por isso eu tenho que fazer coisas pra eu ser lembrado, com exemplos bons para as pessoas de como foi a minha vida aqui! Mas que eu sou imprescindível, insubstituível, não! As pessoas têm que entender isso aí! São pessoas que só olham pra si mesmo e não percebem nada à sua volta! E não é assim não! Quando você fica doente você percebe que você não é nada! Não adianta se matar, nada! Tem é que olhar pro outro lado também, pro próximo! Você fica tão doente que você volta a ser criancinha, entendeu? E é tudo muito de repente, viu? Eu não sei. Eu tinha que ter parado! Eu tinha que resolver aquele problema na minha vida. E a doença veio pra resolver algumas coisas que eu não tinha coragem de botar pra fora, entendeu? Eu não sei se isso tudo não foi uma ajuda divina, concorda? É por isso que as coisas acontecem. Pra mim aconteceu assim! E as coisas vão se encaixando no dia-a-dia! Sei lá! Eu sei é que eu estou firmão aqui!”.

A entrevista foi encerrada com agradecimentos pela disponibilidade de Ramos e este se colocou ainda à disposição para quaisquer outros esclarecimentos e novos contatos se necessário.

2. Relato descritivo do segundo encontro para complementação da entrevista

Após o primeiro encontro para entrevista com Ramos ser transcrito, digitado e lido várias vezes, considerei necessário fazer um novo contato para enfocar mais precisamente a oração, objetivo deste trabalho.

Telefonei e marcamos um novo dia para complementar a entrevista. Expliquei que o material havia sido muito rico, que pudemos ter uma idéia bem significativa de como foi para ele o processo da descoberta da doença e do tratamento em si e que eu gostaria que ele me falasse mais de sua religiosidade e da oração: *“Agradeço a sua atenção em me receber novamente para podermos complementar alguns pontos com relação à entrevista anterior. Eu a transcrevi e após reler algumas vezes pude perceber que você falou de várias coisas, relatou muito bem a experiência, como foi todo esse processo de sua doença e dentro de tudo isso um aspecto que também apareceu foi a religião. Esse é o tema do meu trabalho, dessa minha dissertação. Nesse campo da religiosidade, e ainda mais especificamente da oração, esse ponto foi mencionado em pelo menos dois momentos: Quando você me contou da Nossa Senhora Aparecida e quando você presenciou no*

hospital orações de evangélicos que até te incomodaram naquele momento. Então, eu gostaria de pedir para me falar um pouco mais sobre essa religião para você e, se necessário, eu te interrompo para algum esclarecimento, tudo bem?”.

No dia marcado para o novo encontro, Ramos contou que os médicos disseram que ele está muito bem, o nódulo que achava ter reaparecido no pescoço não era nada e que só precisaria retornar no final do ano, salvo eventual intercorrência. Isso o deixou muito feliz!

Enquanto eu preparava o gravador, ele espontaneamente disse: *“Olha! Eu continuo com a minha santinha! Outro dia fui lavar o carro e tiraram ela do lugar, eu fiquei doido procurando, mas eles tinham colocado ela no portaluvas! Aí tudo bem, eu coloquei ela no lugarzinho certo dela e tudo bem!”* (Risos).

Ele iniciou, então, mostrando alguns livros que ganhou durante seu tratamento, enfatizando que para ele foram importantes, pois preenchia seu tempo com leituras que o aproximavam de pontos de vista religiosos, místicos e espirituais com ensinamentos que o apoiavam frente às dificuldades que

vivia: “Eu não sei como é que eu consigo te explicar, mas eu vou começar a te explicar por algumas coisas que eu vou te mostrar!”. (...) E continuou: “Quando eu fiquei doente, a primeira coisa assim que vieram me trazer, foi a minha irmã, quando eu percebi que era uma doença maligna e coisa parecida, que foi lá aquelas pílulas do Frei Galvão. Então eu até fiquei propenso assim a tomar a pílula do Frei Galvão, certo? Acabei não tomando porque não deixaram eu tomar, a minha filha não me deixou. Eu te expliquei, né?” (...) “Então foi o primeiro contato que eu tive assim com alguma coisa disso aí. Imagina antes eu fazer isso aí! Eu não faria isso aí! Como eu fiquei doente, eu fiquei meio assim: ‘Puxa vida! Eu sei lá, às vezes pode ser que dê certo, eu não sei, pô, quem sou eu? Vai que dá certo!’. Só que não deixaram! Bom! Eu não vou tomar, mas eu falei: ‘Nada impede que vocês façam a corrente! Façam vocês!’”. Eu só não participo tomando, mas falei pra não deixarem de fazer! Então é sinal que eu também já me importei com alguma coisa, então já começou a despertar alguma coisa assim, hum, mais no sentido místico e coisa parecida, entendeu?” (...) “Aí eu tive... A primeira coisa que me trouxeram foi o meu cunhado que não é nem religioso, né, eu te falei que ele é da Ordem Rosa Cruz, que é uma seita mística, e ele me trouxe alguns procedimentos que eu deveria fazer em relação à minha espiritualidade, entendeu? Com o meu contexto universal e coisa parecida,

né? Então eu consegui bem fazer isso, eu comecei a me sentir bem fazendo isso e toda vez que eu fazia isso, eu me concentrava por quinze a vinte minutos e levava a minha alma, a minha espiritualidade, lá pra... Lá pra... Sei lá pra onde que eu ia... Eu viajava um pouquinho... Desconectava um pouco daquela coisa e aquilo lá ia me fazendo bem. Então foi a primeira coisa que me fizeram, entendeu? Aí veio a minha irmã e me trouxe os ensinamentos “Meishu-Sama”, está vendo? (Ramos mostrou-me o volume 1, sem, no entanto, deixar de segurá-lo). Isso é da comunidade messiânica, certo? E tirei coisas positivas que falam, por exemplo, de fé, falam em doença, entendeu? Falam de tudo!, e eu comecei não julgar, não odiar, e eu percebi que tudo tem a ver. Pra eu não me perder muito começou então com isso aqui. Foi uma coisa que eu li. Aí uma outra pessoa começou a me trazer, por exemplo, esse livro ‘Feliz Cidade’, que é coisa de auto-ajuda. Aí veio esse ‘Acordar e ser feliz’. Aí uma outra pessoa trouxe esse ‘Nunca desista de seus sonhos’. Aí veio o ‘Sentido da Vida’, você percebe o que eu estou te falando? Aí a minha irmã pegou e me trouxe um rosário, está vendo? Que é um terço com Nossa Senhora de Fátima, ela levou isso lá no hospital e eu li tudo isso. Então eu comecei a preencher o meu tempo. Aí me deram o ‘Novo Testamento’, está vendo?” (...) Tudo eu vi um pouco. E eu acho que eu estava lá meio debilitado e cada vez que eu lia alguma coisa, que envolveu um monte

de coisa, da católica, da evangélica, da rosa cruz, embora dizem que não é religioso mas é mística certo? Da messiânica, então eu tive um apoio de todas essas religiões e isso foi bom pra mim porque eu achei um sentido, eu me apeguei a alguma coisa”.

Assim, falou de como as diferentes religiões em conjunto lhe trouxeram uma gama de conhecimentos, que puderam trazer conforto e companhia, favorecendo uma maior compreensão dos aspectos relacionados às suas experiências naquele momento. E como dessa forma, ele podia aceitar melhor sua situação de adoecimento e os aspectos a ele relacionados. Ressaltou que nunca foi e não é uma pessoa de freqüentar assiduamente a religião e atividades da comunidade cristã, o que não queria dizer que não compartilhava dos preceitos da religião católica. Para Ramos, o importante é o que se passa em seu interior, já que para ele, Deus ou os santos em si, não estão voltados a um indivíduo em particular ou a uma situação em específico, mas sim a religiosidade abarca um sentido maior que ele encontra em sua vivência mais íntima e pessoal: *“Então... Eu era... Era não, eu até sou ainda! Eu sou uma pessoa muito restrita à religião das pessoas. Tanto respeito o espiritismo, o catolicismo, o evangelho, não importa o tipo de religião que as pessoas tenham, eu sou uma pessoa que sempre respeitei, nunca fui uma pessoa que*

fui, como é que se diz, religioso, mesmo, de freqüentar uma igreja. Eu lembro que eu só freqüentei a igreja uma época quando eu era garoto, que eu tinha uns dez ou oito anos de idade, uma coisa assim, que a minha avó me levava numa igreja evangélica. Então eu ia normalmente nessa igreja. O pastor na época era o Melo e tal. E a minha avó me levava muito ali. Então o que eu mais fui na minha vida foi na igreja evangélica quando eu era garoto, porque depois eu fiquei mais velho e a gente sabe como é, né, a gente fala: 'Sou católico, mas católico que não vai na igreja'. Então eu nunca fui de fazer parte constante da igreja, ou de ir com a minha esposa na igreja, ou de ser uma pessoa da comunidade da igreja católica. Então você é um católico porque fala que é católico. Mas na verdade eu nunca fui de levar filho, nunca fui de nada assim! Só que eu sempre fiz as minhas orações. E como é a minha oração? Eu rezava o Pai Nosso! Normalmente na minha vida antes de ficar doente, entendeu? Esse tipo de coisa eu sempre fazia, mas fazia de uma maneira quase que automática, entendeu? Sem muita concentração ou coisa parecida”.

Ramos conta que ao ficar doente foi surpreendido por um presente que ganhou da irmã após esta ter ido à Aparecida do Norte pedir por sua saúde. Ela lhe trouxe duas pequenas imagens de Nossa Senhora Aparecida, uma que

ele trazia consigo durante suas idas e vindas ao hospital e uma que ficou junto de sua cabeceira, em casa, pregada junto da foto de seus filhos. Sempre que Ramos se refere a esta imagem sua emoção aflora. Para ele, ela teve um significado próprio de paz e tranquilidade e com ela estabeleceu uma rotina de orações diárias, agradecendo à noite pelo dia que teve e de manhã pelo dia que iria ter! E isto agora faz parte de seu cotidiano, o que não acontecia antes do adoecer: *“Aí o que é que aconteceu? De tudo isso aí... A minha irmã foi lá na Aparecida e me trouxe a santinha. Pronto! Porque me trouxe a santinha? A santinha pra mim era tudo!... (pausa e choro)... Fica lá do lado da minha cabeceira. (...) Às vezes eu fico lá, olho, eu venho... Porque eu não tenho mais nada! A minha vida está normal! Normal, normal, normal, normal! Mas aquele ritualzinho que eu faço lá, toda noite, que às vezes ninguém nem percebe, que eu sento lá e fico pensando e rezando de manhã, de noite, de dia... É isso aí! Isso aflorou, mesmo que eu não tenha ficado mais religioso, de ir na igreja, eu continuo não indo à igreja, porque eu acho que não precisa ir lá! É como eu te falei outro dia: ‘Pôxa! A santa não vai me penalizar porque eu não fui! Senão que sentido tem, né?’ (...) Não é porque o Ramos não foi na Aparecida que ele vai voltar a ficar doente. Então não é assim! Então eu tenho sensibilidade ou pensamento suficiente pra saber que a coisa não é assim! A coisa é o seguinte: eu acho que o teu intelecto mistura muito, o*

teu... Sei lá... Esse lado espiritual teu, místico ou não, ou de inteligência, sei lá como as pessoas podem falar, mas você tem que ter isso muito claro pra você não ficar um cara fanático! Então eu tenho isso muito claro. Porque se eu fosse uma pessoa diferente, provavelmente eu teria virado ou um evangélico daqueles de ir à igreja ou de... Sei lá, porque eu achei que foi um conjunto de coisas que me curou, que foi o tratamento, foi o apoio da família, foram os médicos e foi também esse lado espiritual, esse lado religioso das pessoas, porque a pessoa se apega!”.

Para Ramos, sua espiritualidade aflorou e ele considera ser este um fato comum em pessoas que adoecem ou passam por dificuldades, infortúnios ou situações de crise: *“Então, eu acho que a pessoa que não tem Deus numa hora dessa, ela não tem aonde se apegar. Acho que ela vai sofrer muito mais! Então, o lado espiritual meu e o lado religioso aflorou pela minha ‘debilitação’ mesmo. Porque a pessoa quando fica debilitada ela se entrega um pouco mais aos desígnios de Deus. Você perde a força. Não sei se você está me entendendo. Então você perde a força da matéria, você percebe que nada importa, o telefone não importa, o teu carro não importa, tua casa pra você morar pode ser na casa, pode ser no hospital... O local não importa mais! Então, começa a aflorar aquele teu lado mais espiritual, mais místico,*

começa a dar mais valor a certas coisas, começa a entender espiritualidade, você começa a tomar mais cuidado com o lado espiritual teu porque você precisa... É como falam: 'Vou cuidar da alma porque o corpo já foi mesmo!' Certo?... Entendeu? Então a pessoa fica assim e foi assim que eu fiquei". E exemplifica: "Eu falo pro meu irmão que fala que é ateu: 'Paulo, você fala isso aí e eu fico torcendo pra que na sua vida você não passe por nada, porque senão você vai entrar num choque tão grande porque você não vai ter onde se segurar, cara!'. Porque tem hora que você precisa de um apoio. Então você tem hora que está lá: posso sarar ou posso não sarar. E você então recorre a quem? Me fala! Eu acho que quem falar que o lado religioso não aflora e não brota na pessoa quando a pessoa passa por uma doença séria, ou por um acidente, ou qualquer outro motivo, ou qualquer infelicidade e infortúnio na vida... É onde parece que você lembra que existe um Deus, que existe... Que existe alguma coisa porque são coisas produtivas! Antes todo mundo seguisse a igreja, não é verdade? Porque você não vê nada de errado! Agora o que não pode é fanatismo, né, que geralmente a pessoa doente fica abalada e aí vai fazer até mais mal pra ela porque ela vai tentar se curar só com aquilo, como se não existisse mais nada na vida do que o lado religioso e não é assim, entendeu?"

Ramos diz que procura hoje estar mais atento às coisas à sua volta e dá mais valor às mínimas situações ao seu redor, além de tentar manter uma rotina diária de menos correria e sobressaltos. Para ele, isso seria cometer erros novamente, dos quais pretende evitar ao máximo, dando maior prioridade às suas necessidades e de sua família, para ele grande responsável por sua cura e recuperação. O apoio que a família lhe assegurou durante todo o tempo (conforme dados da primeira entrevista) foram para ele a base e um incentivo primordial para que se sentisse animado em lutar e vencer a doença, pois se sentiu muito valorizado por todos: *“E é tudo isso aqui (apontando para os livros) que me ajudou muito. Tudo aqui tem fundo religioso e espiritual. Então, por mais que a pessoa fala não, tem a ver! Em tudo aqui (aponta para os livros) tem dentro a palavra de Deus, porque está te passando só coisa boa! (...) Você abre esse livro ‘Sentido da Vida’, você vê as imagens, você vê a natureza, você vê a fotografia de um bichinho, está vendo? (Ramos mostra uma figura do livro). Você vê o urso, qualquer coisa, você vê formas de vida! E faziam com que eu ficasse bem, entendeu? Muito bem! Eu me sentia bem. Eu me sinto bem!”*. E ainda: *“Quando eu fico lá quietinho, conversando, rezando, eu estou agradecendo o dia, eu vou levantar, caramba! Eu não posso mais levantar de mal com os outros. Eu não posso levantar assim mais. Eu levantei várias vezes correndo! Cada vez que eu me levanto*

mal eu não passo bem o dia. Porque eu aprendi que não é assim que se levanta. No sobressalto! Você precisa acordar normal, bem disposto, de bem com a vida”.

Ressalta que toma cuidado para não ficar fanático, situação que ele atribui às pessoas fracas ou que acreditam em uma só crença. Para Ramos, quanto mais o sujeito estiver aberto ao que o mundo e as pessoas oferecem, mais terá condições de apreender e usar os conhecimentos em benefício próprio: *“Eu tenho certeza de uma coisa: Pessoas que têm a cabecinha um pouquinho mais fraca vira fanática e vai fazer mal pro outro lado. Porque aí vai achar que é só aquilo e você sabe muito bem que não foi só aquilo. Foram vários fatores que me fizeram ficar bem! (...) Sem o remédio não há santa que ia fazer eu me curar. Um milagre até pode ser uma coisa que exista, mas o milagre está dentro da tua fé! Por isso que o milagre existe! Provavelmente, certo? (...) A fé faz o milagre! Não o milagre faz a fé! Acho que com tanta fé você pode reverter até caso talvez de saúde, que com tanta fé que você tem você acha que aquilo pode te curar! É assim que eu acho, entendeu? E deve ter sido isso, também! Só que tem pessoas que têm fé em uma coisa só! Ou numa religião só! Só que tudo é a mesma coisa! A religião toda fala em você ter fé e acreditar em Deus, não é isso? Que Deus é único, não é? Não existe*

mais de um Deus! É um Deus só pra todas as religiões. Então todas as religiões estão corretas porque é só um Deus. Pra mim praticamente foi isso aí”.

Ramos se comove, mas deixa claro que não é uma pessoa de chorar e se emocionar: *“E até hoje, sei lá, eu me emociono porque eu fiquei debilitado. E eu pouco chorei! Pouco! Você é uma das poucas pessoas que vê eu chorar. Não que eu não choro porque eu não sinto vontade. É porque eu não tinha vontade de chorar. Então eu chorei algumas vezes lá no hospital. Muito pouco. Mas sempre firme! Porque eu buscava fé naquilo! Eu precisava ficar firme. E quando você começa a falar no assunto isso brota, né? Eu sei que você está entendendo e é por isso que acontece isso aí! De eu chorar! Porque eu me dispus a falar. Eu abri o coração pra falar para as pessoas perceberem o que eu passei! Pra sentir isso aí, senão como é que vão sentir?”*

A oração centra-se em um movimento bem particular, uma conversa rápida à noite ou no início do dia, mas, que se não for feita, o incomoda e o deixa culpado. Passou a ser um hábito fundamental para seu bem-estar diário. Diz que quando sua irmã ou familiares iam ao hospital e rezavam com ele, sentia-se melhor, em paz e com mais certeza de que sairia daquela situação e

sairia melhor: "Quando iam as minhas primas lá que eu vi poucas vezes e iam lá e faziam aquela oração, aquilo lá me fazia bem, entendeu? (...) Trazia tranqüilidade. Sabe do que? Aquilo me trazia uma paz enorme de espírito porque eu sabia que eu ia sair de lá. (...) Me trazia força. Que aquilo que eu estava passando lá era uma coisa necessária pra eu passar. Então aquilo lá era um ensinamento e que aquilo que eu estava passando, que aquele sofrimento que eu estava tendo, era uma elevação espiritual pra mim! Eu estava aprendendo. E eu ia sair daquilo e ia sair melhor! Isso é que me fazia bem! E eu sempre me concentrei muito. Eu me concentrava mesmo. E quando não era legal como eu te falei, eu saía fora porque não ia fazer bem, aquilo ia me jogar pra baixo. Parecia uma extrema-unção. E não era assim que eu estava me sentindo naquela época. Eu estava sentindo que eu ia sarar. Porque nunca ninguém aqui achou que eu não ia sarar! Em nenhum momento! Então quando vinham as orações, quando vinham de uma maneira clara, assim calma, que levantava a tua alma, aquilo me fazia bem. Muito bem! Aquilo aflorava uma força em você, interior, que parecia que estava chegando a Deus mesmo! Então eu sabia que nada era impossível, entendeu? Isso que me fazia bem. Isso que me faz bem ainda!". E isso acontecia, segundo Ramos, também com outros pacientes: "Tinham pessoas lá que ficavam muito bem com as orações, levantavam, entendeu, tinha um senhor lá no hospital comigo

que levantava a mão pro alto na cama, em voz alta, e falava: ‘Oh meu Senhor!’ e depois cantava. Era um cara bom astral. Deve ter ficado muito bem esse homem também. Eu tenho certeza porque ele saiu bem de lá e ele fazia quimioterapia como eu fazia, entendeu? Eu tenho o telefone dele. Qualquer dia eu vou ligar. E ele era muito mais religioso que eu. Se é que eu posso falar, né, que eu não sou! Mas eu acho que eu sou sim! Só que eu sou da minha maneira. E ele era diferente porque ele fazia parte da congregação, da comunidade da igreja. Então ele era um cara que freqüentava e eu não. Eu acho que eu até me surpreendi. Porque eu estou me surpreendendo”.

Esses aspectos de um maior contato com essa sua religiosidade mais aflorada nos dias atuais podem, por exemplo, ser percebidos em atitudes como sempre se benzer ao passar por uma santa, principalmente Nossa Senhora Aparecida, ou sempre que a vê virada no porta-retrato, ele imediatamente a desvira. Se a imagem é retirada do lugar em que costuma ficar, seja no quarto ou no carro, ele logo percebe e procura deixar como estava antes, atribuindo a essa imagem um contexto que ele chama de “Já é um amuleto!”; “E eu hoje... Eu não sei, eu me apeguei à Nossa Senhora Aparecida, à imagem... À imagem mesmo, à imagem... À imagem da Nossa Senhora Aparecida. Então, onde eu vejo eu me benzo! Então, eu acho que um pouco eu acho que eu passei pra

santa, não é?” E acrescenta: “Então foi isso aí! Imagina eu ficar apegado numa santinha, né?... Certo?... Eu percebia que eu não ia fazer isso, mas só que hoje eu faço questão de manter a santa lá! Até a do carro! Outro dia eu mandei lavar o carro e eles tiraram do lugar, porque eu te falei que ela quebrou, né, e eu deixei ela lá assim mesmo. A do carro eu podia trocar, porque estava pendurada no meu carro e quebrou, só que não tirei ela do meu carro. Ela está lá no meu cinzeirinho, ali quietinha, guardada! E talvez se eu trocar de carro eu vou levar comigo! Porque acabou virando um amuleto, entendeu, eu não sei! É isso aí. (...) Acabou virando um amuleto pra mim. Parece que se sumir aquilo de lá eu posso ficar doente de novo, entendeu? Gozado, né? E a gente sabe que não é isso aí! Então você se sente bem com aquilo. Se te faz bem porque você vai se desfazer, não é não?” (...)

Ramos, já conversando com o gravador desligado, falou que durante sua doença *“não ficou depressivo, mas sim mais sensível, com a sensibilidade mais aflorada, deixando-se emocionar!”*.

Finalmente, ele comenta que espera não ter nenhuma recaída ou piora em seu estado, mas refere que se algo ocorrer ele estará pronto para lutar e enfrentar tudo novamente, pois acredita que se lhe foi dado um tempo a mais

nessa vida é porque ainda tem muito a realizar: “Acho que se você ficou é porque você tem algo pra fazer! Que talvez você vá descobrir um pouquinho pra frente... Eu acho que ainda tenho umas coisas pra fazer. Algumas coisas eu já percebi que eu tinha mesmo. Que foi, por exemplo, a perda da minha mãe, eu sei, apoio para os meus irmãos, entendeu?”.

Capítulo V

ANÁLISE QUALITATIVA DAS ENTREVISTAS

A partir dos dados apresentados, sigo com a análise psicológica dos diferentes sentidos da oração na situação de adoecimento para Ramos, sujeito desta pesquisa.

Inicialmente, pude perceber que Ramos estabelece um vínculo não com os preceitos da religião em si, em termos de seguir profunda e assiduamente uma doutrina e todos os mandamentos que ela rege, mas sim um vínculo com o sagrado, com uma transcendência que lhe promove a introspecção e paz, conforto e alento. Ramos busca em diferentes religiões os recursos que identifica como “úteis”, e deles se utiliza em proveito próprio, mas não se sente com isso preso ou devedor de algum tipo de compromisso definitivamente assumido. Ele apenas abarca uma série de idéias advindas de diferentes religiões – católica, evangélica, espírita, espiritualista – e transforma todo esse conjunto em uma divindade, para ele um Deus monoteísta e superior a todos os homens. Ramos acredita que existe um Ser Superior que tem poder e pode ter diferentes formas de atuação sobre ele,

como, por exemplo, alcançar uma graça se pedir e ser atendido se for merecedor.

Com isso, ele acredita que o sagrado está a seu dispor, não como uma atenção em especial somente à sua pessoa, pois para Ramos, Deus e os santos não se preocupam com cada indivíduo em particular. Para ele, o ser humano é quem tem que se dedicar à superação de suas dificuldades, e para isso se faz indispensável uma atuação ativa e participante de cada indivíduo, que deve viver sempre em busca dos melhores resultados frente às necessidades da vida diária. Para Ramos, isso será possível na medida em que cada um se volte para o seu próprio interior, ponderando sobre o que é melhor para si, numa proposta de introspecção e reflexão mais profundas, que instrumentalize a pessoa nessa busca de ser cada vez melhor e de estar de bem com a vida, para que ela seja menos conturbada e estressante, voltada a uma qualidade de vida mais satisfatória na busca de compreensão de si e do mundo ao seu redor.

De acordo com Ramos, a religiosidade e a espiritualidade afloram significativamente nos momentos de desafios, como, por exemplo, no processo de adoecimento. Nesse sentido, ele acredita que as pessoas que não têm religião para se apegar nas horas de sofrimento se sentirão perdidas, pois

para ele, a religião é indispensável na promoção de uma sensação de conforto e alento para seguir em frente e superar adversidades, ou seja, a religião para Ramos é uma possibilidade de apoio dela tirando forças para seguir adiante.

Durante todo o tempo da entrevista, Ramos apresenta um discurso bastante contraditório. Enfatiza várias vezes que se considera um católico não praticante, mas, em seguida, relata comportamentos e condutas muito próximos dos rituais religiosos católicos. Ele expressa de uma forma muito particular sua aproximação a uma religiosidade bastante presente, mas procura não assumir claramente esse fato. São distanciamentos sucessivos, em um constante “vai e vem”, que mostra um retorno à religiosidade em seu sentido sagrado e transcendental, mas sem apegar-se à religião em si, com medo de que, caso se apegue, se torne fanático.

Esse discurso de Ramos inclusive remete a uma certa tendência em diferentes meios de comunicação e discussões acadêmicas contemporâneas, nos quais existe uma certa preocupação com o assunto do fanatismo religioso no mundo atual. Para Ramos, é fundamental que o sujeito tenha sempre em mente que em momentos de fragilidade é muito fácil ser convertido e então assumir uma conduta fanática, na qual se perca a consciência e exagere nas

formas de expressão de uma religiosidade pouco sã e moderada. Ramos traz essa preocupação, que parece sempre fazê-lo temer se apegar demais a algum aspecto mais específico dos rituais religiosos, como participar de missas, visitar igrejas ou mesmo participar da comunidade religiosa de seu bairro. Mas, ao mesmo tempo, propicia um movimento que o remete constantemente a um discurso retórico em que confirma, mesmo sem perceber claramente, que em momentos em que se sente mais vulnerável, volta-se para uma espiritualidade, com ritos e condutas pertinentes à religião católica, como formas de expressão que o apóiam na superação da angústia do momento. A esses episódios de apego à religiosidade, ele chama de interiorização ou meditação, como se com esse discurso justificasse não ser fanático, mas sim, religioso.

Esse apego a aspectos relacionados à religião pode ser percebido em atitudes comuns de seu cotidiano, como, por exemplo, quando relata que, após ter recebido de presente uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, não mais dela se distanciou e nem mesmo deixa de reverenciar e se benzer sempre que pode ou passa por ela ou por outra imagem de Nossa Senhora Aparecida. Ele diz que ela passa a ser um amuleto, do qual não pode se separar, pois isso poderia significar que ele pudesse novamente ficar doente. O mesmo acontece

com o apego aos livros religiosos e de auto-ajuda que ganhou de presente de amigos e familiares. Atribui a eles um sentido mágico que o apóia, mesmo se racionalmente nega o poder atribuído ao objeto: *“Como é que pode uma santinha fazer alguma coisa... Só que aí eu me apeguei e nada disso aqui tudo eu joguei fora...”*.

Em seu processo de adoecimento e tratamento, Ramos sentiu-se mais vulnerável e mais disponível para entrar em contato com as expressões de sua religiosidade. Esse fato foi tão significativo que marcou um ponto decisivo em todo seu processo de adoecimento. Sua “santinha” o acompanhava em todas as etapas do tratamento, pois lhe trazia paz e segurança, conforme relatou. Adquiriu o hábito diário de conversar com ela, dividindo suas aflições, anseios e expectativas. Ela foi o instrumento do qual tirou forças e em que depositou uma esperança concreta de cura e sucesso. Ramos refere que mesmo que as pessoas à sua volta não percebessem, ele estava sempre conversando com a santa, e isso lhe trazia a certeza de que estava progredindo tanto com o tratamento como retribuindo todo o apoio e compreensão que obteve dos familiares, amigos, clientes e do meio social. Já que todos estavam agindo de forma a lhe proporcionar tranquilidade, ele nada mais teria que fazer a não ser entregar-se completamente ao tratamento que lhe era proposto sem questionar

ou reclamar, e isso ele fazia e compartilhava em suas orações, momentos em que conversava com Nossa Senhora Aparecida. Esse diálogo silencioso com ela permitia que entrasse em contato com seu interior, sem a necessidade de ficar preocupando as pessoas à sua volta, como familiares e amigos.

Ele considerou de fundamental importância sentir-se reconhecido por todos, fato que sempre o emociona muito. Ramos refere que praticamente não chorou durante todo o processo, mostrando que procurou sempre não expressar qualquer fragilidade mais intensamente, mas relata que em momentos de dor e desânimo ficava conversando baixinho e sozinho com Nossa Senhora Aparecida, e isso o acalmava e encorajava a seguir em frente, qualquer que fosse o próximo passo a enfrentar.

Foi nesse contexto que surgiu a importância do papel da oração. O conversar baixinho com sua santinha, o voltar-se para os agradecimentos à noite e ao amanhecer, o procurar não demonstrar sua dor aos outros, mas compartilhá-la com Nossa Senhora Aparecida, são expressões claras do recurso à oração ao qual ele se refere como “*ritualzinho*”.

Ele ficou mais marcante durante seu tratamento, e Ramos relata isso contando que acredita hoje estar vivendo uma sobrevida. E, assim, ele precisa fazer dela o seu melhor. Na busca de atingir uma qualidade de vida mais satisfatória, segundo seus próprios critérios e necessidades, ele refere ter se entregue a leituras, meditações e rituais que até então não praticava. Dedicou-se à leitura de livros de diferentes teorias sobre a vida, religiões e crenças. Não se apegou a nenhuma em especial, mas, enfatiza com muita propriedade que nesse encontro com sua religiosidade entrou em contato com aspectos mais interiores de seu ser e se voltou à prática da oração, recurso que lhe trazia paz, força e elevação espiritual. Refere que sempre que se concentrava, meditava, elevava sua alma, sua espiritualidade para um lugar mais distante, não concreto, não nomeável, mas que permitia que se desconectasse da situação real pela qual estava passando com sua doença, e buscasse uma paz e um alento maior. Aquilo que retirava das leituras e ensinamentos com os quais entrava em contato, fazia-lhe bem e que se sentisse cada vez melhor. Passou a perceber, por exemplo, a beleza da natureza em detrimento de valores materiais como casa, dinheiro ou posses, diz ter aprendido mais a amar e não odiar ou julgar. E essa sensibilidade ele atribui ao fato de que *“a pessoa debilitada se entrega mais aos desígnios de Deus”*.

Pela manhã, Ramos reza pedindo pelo dia que se inicia, para que possa superar as dificuldades e dar conta dos afazeres cotidianos. Sem essas orações, ele diz sentir que parece estar faltando algo, pois hoje sente necessidade de ser mais ponderado, evitando retomar um ritmo de vida muito acelerado e estressante, pois sempre que o faz não se sente bem. Para Ramos, essa oração, essa reza para a santa, traz calma e confiança em um dia melhor. E essa atitude é uma experiência que ele pratica muito particularmente na crença e na sua forma pessoal de expressar sua dimensão espiritual. E diz que os familiares e as pessoas à sua volta muitas vezes nem percebem quando ele está rezando. São momentos muito sutis e importantes para o seu bem-estar, para superar momentos em que não se sente bem física ou emocionalmente, ou para “curtir” as coisas boas que lhe acontecem.

Ramos relata que percebeu que esse bem-estar com a oração se fez presente durante toda a fase de tratamento, pois, quando parentes e amigos vinham ao hospital e rezavam a seu lado, ele sentia-se mais em paz, tranquilo e com forças para crer que tudo que estava acontecendo era uma provação pela qual ele tinha que passar, e a qual ele sabia que ia superar. Para Ramos, o adoecer, que para muitos significa depressão, afastamento ou entrega a um desânimo sem volta, teve uma significação diferente: foi um aprendizado, um

momento difícil que depois de superado, fez dele uma pessoa mais aprimorada. Para Ramos, as orações que lhe eram feitas “*elevavam sua alma, levantavam seu ânimo, lhe afloravam uma força, interior, que parecia que estava chegando a Deus mesmo!*”. E com isso, ele dizia saber que então nada seria impossível! Mas, ele deixa claro que considera como necessária e adequada a oração que eleva o indivíduo para os aspectos positivos, de cura, crença em recuperação, apoio, conforto e alento. Ele não aprecia ou se utiliza de uma oração que muitas vezes vem acompanhada de um sentido de conformismo, despedida, como a extrema-unção ou que mostra fanatismos religiosos, aspectos que ele desconsidera e se afasta. Para Ramos, a oração deve ter um caráter de incentivo ao crescimento interior e a uma vida atuante, nunca de um sentido de apatia ou de desânimo.

Ramos acredita que essa sua nova forma de viver, mais em paz e voltado para suas próprias necessidades, sempre buscando uma vida mais harmoniosa e sensível, é facilmente percebida pelas pessoas à sua volta. Tanto familiares como amigos, perceberam que sua espiritualidade o acompanha o tempo todo, dando-lhe convicção de que está pronto para superar as dificuldades com que venha a se deparar. Com relação à sua doença, está hoje em fase de acompanhamento médico para verificação da evolução de seu

estado clínico, mas sente-se capaz de enfrentar qualquer adversidade que possa vir a acontecer, pois sua santinha, presente na imagem de Nossa Senhora Aparecida em sua cabeceira, está lá a seu lado para sempre o acompanhar e proteger. Ramos, nesse sentido, diz não temer uma remissão da doença, pois refere estar sempre pronto a enfrentar qualquer recidiva ou recaída que venha a surgir, mas, a todo momento, mostra uma preocupação interna já que se prende a rituais e se apegam a situações que acredita serem necessárias para evitar esses problemas. Entre outros, ele não pôde tomar a pílula do Frei Galvão, por ordens médicas, a fim de evitar infecções, pois não se sabia como elas eram preparadas, mas pediu aos familiares que não interrompessem a corrente de oração; ele precisa manter sua santinha no carro, pois sem ela sente-se inseguro e vulnerável, e pensa que até pode voltar a ficar doente; se não rezar ao se levantar ele pode ter um dia ruim... É uma relação com a divindade e com a religiosidade que permeia sua forma de agir todo o tempo. Para Ramos, o contato com sua religiosidade foi uma experiência extremamente significativa e transformadora, que lhe trouxe efeitos e o aproximou de Deus, o que expressa através do apego à santa e às orações, entre outras.

Ramos considera que a aproximação à própria religiosidade não o impediu de expressar e simbolizar uma forma muito positiva de conviver com o universo que o envolveu durante o seu adoecimento e tratamento. Ele se sente muito disponível para compartilhar sua história com todos, denotando uma forma bastante ativa de enfrentamento e de reflexão sobre o seu adoecer. Diz que muitas pessoas que não têm a possibilidade de partilhar esse tipo de experiência e os aspectos a ela relacionados podem facilmente entregar-se a um estado depressivo, o que não aconteceu com ele.

Entendo que Ramos mostrou, de acordo com suas possibilidades e recursos internos, uma atitude muito positiva de disponibilidade para resolver as dificuldades inerentes ao seu adoecimento. Encontrou formas de revelar que as experiências humanas são sempre plausíveis de interpretações e compreensões múltiplas, o que mostra a riqueza da subjetividade. Cada um, em sua especificidade, é capaz de sempre trazer à luz uma nova possibilidade de significação, o que Ramos deixou claro em seu discurso, em sua forma de expressão, compartilhando sua experiência sutil e participante na resolução dos conflitos vividos na situação de adoecimento.

CONCLUSÃO

Essa dissertação, com base no método fenomenológico, teve como objetivo compreender os sentidos da experiência da oração em situações de adoecimento. Esse tema se faz presente nos dias atuais, em que existe a preocupação com um atendimento de qualidade que possa garantir ao paciente as melhores condições possíveis para a recuperação de sua condição física, emocional, social e espiritual, dimensões hoje contempladas como importantes constituintes da existência humana. No campo da psicologia e da psicologia hospitalar, é crescente a preocupação com o paciente, na busca de propiciar a ele apoio e suporte para o enfrentamento de suas dificuldades. E, de acordo com a literatura e com o que pude observar em meu trabalho em hospitais, a questão da religiosidade se faz cada vez mais freqüente nas situações de saúde e adoecimento.

Assim, este trabalho a partir do relato de uma experiência real e da literatura discutida, pôde levantar questionamentos e reflexões que poderão servir de referência para futuras pesquisas e discussões sobre a especificidade do papel da oração no processo de adoecimento.

Nessa dissertação, procurei enfatizar a possibilidade de que cada ser humano tem a sua própria convicção pessoal, ou seja, um conjunto de experiências e uma história de vida constituinte de sua subjetividade. E é nessa presentificação, nessa apreensão, entre outras, que pode ser visto o papel do psicólogo clínico atuando em sintonia junto às questões relativas à psicologia da religião. Sabemos que a cultura nos oferece diferentes sentidos desde que nascemos, e com eles vamos nos constituindo e procurando responder às nossas questões existenciais. Através de nossos atos de consciência (percepção, sensação e outros), vamos podendo trilhar posições de dúvida, crença, verdade e etc, tecendo diferentes formas de interpretar as vivências diárias. A religião aparece como uma das possíveis maneiras de constituição desses significados: o homem pergunta sobre o divino e a religião é uma das possíveis respostas. Nesse sentido, Aletti³² refere que se faz importante analisarmos a forma como o sujeito se relaciona com a religião, que pode ser vista como um espaço de transição entre o subjetivo e o objetivo, o abstrato e o concreto, no qual a pessoa desenvolve diferentes formas de resposta às adversidades com que se depara cotidianamente.

³² Aletti, Mario. Religion as an Illusion: Prospects for and Problems with a Psychoanalytical Model – presented at the Conference for the Psychology of Religion. Glasgow, August, 28-31, 2003.

Mesmo com as diferentes formas de reação com que cada um pode responder aos fatos que a vida impõe, faz-se pertinente perceber uma preocupação inerente ao ser humano, que é a de ser aceito e acolhido em suas dificuldades, e, assim sendo, é primordial que todos possamos expressar nossos temores, angústias, conflitos, receios e dúvidas. E o indivíduo doente, entre algumas das manifestações possíveis do comportamento humano, precisa expor seus sentimentos, aflorando a maneira como enfrenta o seu problema, e como consegue seguir adiante para superar, conviver ou sucumbir à dificuldade.

A oração mostra-se como uma das possíveis formas de lidar com o medo do desconhecido, pois em alguns momentos, permite que o indivíduo deposite em uma força superior a sua fragilidade, e com isso compartilhe seus sentimentos, medos e emoções. A oração pode ser uma forma de companhia, de sustentação psicológica e existencial, permitindo a ele que se sinta acolhido por um Ser Supremo, uma divindade conforme a sua crença ou religião. Esse conforto e alento podem significar uma garantia de adesão ao tratamento, condição inerente à busca de sucesso na recuperação.

Essa pesquisa trouxe uma possível compreensão de que as pessoas às vezes não reconhecem a existência da própria força interior, mas em momentos de dor e sofrimento podem extrair esse poder interno de superação e crença pessoal. A oração surge como uma fala interna, um resgate de sua própria potencialidade, na busca de atingir aquilo que está além de sua condição física, mas que é capaz de proporcionar um impulso básico de sobrevivência. Esse diálogo consigo mesmo e um Outro com quem pode compartilhar sua dor, permite um encontro entre o seu mundo subjetivo e o objetivo, podendo promover uma noção de que, por maior que seja o desafio a vencer, ele é capaz de buscar transpor a dificuldade ou ao menos de tentar fazê-lo, mediante sua própria vontade e participação.

A oração assume diferentes sentidos, como o de resgate de uma completude encontrada com o sagrado, de uma busca de permitir a um elemento divino participar de sua existência, de resgatar aspectos mais íntimos de sua estrutura psíquica, de um referencial em que depositar sua fé, ou ainda de fuga de suas dificuldades, colocando-as em uma outra instância que lhe permita encontrar um tempo a mais, e com formas diferentes de responder a um problema que não se sinta capaz de resolver de imediato. São infinitas as possibilidades de interpretação dos sentidos que a oração pode assumir na vida

de cada pessoa, e é essa diversidade que destaca sua importância e abrangência.

Não posso deixar de sinalizar que obviamente existem pessoas que, justamente em momentos de maior aflição, se afastam radicalmente da religião ou de sua espiritualidade, alegando que se sentiram desprovidas de sentido ou significado perante aquela intercorrência com que se depararam. Exceções serão sempre possíveis, pois acredito, como já mencionei anteriormente, que são múltiplas as formas de reação de cada ser humano a qualquer fato da vida.

O modo de cada um enfrentar suas dificuldades será sempre diferente, pessoal e específico de acordo com a história de vida, traços de personalidade, cultura e religiosidade, como aspectos que possibilitam recursos nos quais a pessoa poderá se apoiar.

E é assim que fecho essa pesquisa, propondo uma reflexão sobre a oração em situações de adoecimento, em que cada pessoa, de acordo com sua subjetividade e seu modo de agir, estabelece uma forma própria de ser e estar

no mundo, atuando e respondendo às adversidades apresentadas nesse momento de sua existência humana.

“Tudo quanto pedires em oração, crendo, recebereis”.
Jesus - Evangelhos de Mateus e Marcos.



BIBLIOGRAFIA

Aletti, Mauro. Religion as an illusion: Prospects for and Problems with a Psychoanalytical Model – presented at the Conference for the Psychology of Religion, Glasgow, August, 2003.

Alves, Rubem: O que é Religião? Ed. Loyola, São Paulo, 2002.

Amatuzzi, Mauro Martins: Psicologia e Espiritualidade. Ed. Paulus, São Paulo, 2005.

Ancona-Lopez, Marília: Experiência Religiosa na Clínica Psicológica in Diante do Mistério – Psicologia e Senso Religioso. Ed. Loyola, São Paulo, 1999.

Angerani-Camon, Valdemar Augusto e cols. O Doente, a Psicologia e o Hospital. Ed. Pioneira, São Paulo, 1992.

E a Psicologia Entrou no Hospital ... Ed. Pioneira, São Paulo, 1996.

Aubert, Maria Inês. A Experiência da Oração Acolhida na Clínica Psicológica. PUC-SP, São Paulo, 1998.

Bello, Ângela Ales: Fenomenologia e Ciências Humanas. São Paulo, Ed. EDUSC, 2004.

Boss, Medard in Forghieri, Yolanda Cintrão: Psicologia Fenomenológica, Ed. Pioneira, São Paulo, 1993.

Croatto, José Severino. As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma Introdução à Fenomenologia da Religião. Ed. Paulinas, São Paulo, 2001.

Eliade, Mircea: A Essência das Religiões. Coleção Vida e Cultura, Ed. Livros do Brasil, Lisboa, s/d.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da Língua Portuguesa. Ed. Nova Fronteira, 1993.

Figueiredo, Luís Cláudio Mendonça: Matrizes do Pensamento Psicológico. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1991.

Forghieri, Yolanda Cintrão. Psicologia Fenomenológica. Ed. Pioneira, São Paulo, 1993.

Fraas, Hans-Jürgen. A Religiosidade Humana – Compêndio de Psicologia da Religião. Ed. Sinodal, Rio Grande do Sul, 1997.

Gambarini, Padre Alberto Luiz. Cura das Enfermidades – Benefício de Jesus. Ed. Ágape, São Paulo, s/d.

Gleiser, Marcelo. O Fim da Terra e do Céu: O Apocalipse na Ciência e na Religião. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

Poeira das Estrelas. Ed. Globo, São Paulo, 2006.

Goto, Cristiane. Em entrevista de 16/07/2006 para Ana Cristina Pereira:
http://www.jcnet.com.br/cadernos/detalhe_ser.php?codigo=81007.

Groopman, Jerome. The Measure of Our Days (A medida de Nossos Dias) e Second Opinions (Segundas Opiniões) in Revista Veja, Páginas Amarelas, 29/09/04.

Heiler, Friedrich: Prayer – A Study in the History and Psychology of Religion. Oneworld Publications, USA, s/d.

James, William: As Variedades da Experiência Religiosa. Ed. Cultrix. São Paulo, s/d.

Marino Júnior, Raul: A Religião de Cérebro. Ed. Gente, São Paulo, 2005.

Massimi, Marina: História da Psicologia no Brasil do século XX. Ed. EPU, São Paulo, 2004.

Muraro, Rose Marie e Cintra, Frei Raimundo: As Mais Belas Orações de Todos os Tempos. Ed. Rosa dos Tempos, São Paulo, 1969.

Müller-Pozzi in Fraas, Hans-Jürgen. A Religiosidade Humana – Compêndio de Psicologia da Religião. Ed. Sinodal, Rio Grande do Sul, 1997.

Página da internet: [http://www.fcpeace.com/entrevista Philippe Madre.htm](http://www.fcpeace.com/entrevista_Philippe_Madre.htm), 2007.

Paloutzian, Raymond F. in Invitation to the Psychology of Religion. EUA, 1996.

Penna, Antonio Gomes: História das Idéias Psicológicas. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1991.

Pereira, Ana Cristina: Entrevistada em 16/07/06 por **Goto, Cristiane**. Jornal da Cidade, http://www.jcnet.com.br/cadernos/detalhe_ser.php?codigo=81007.

Prado, Adélia e cols: Diante do Mistério – Psicologia e Senso Religioso. Ed. Loyola, São Paulo, 1999.

Ralph, W. Hood Jr: Handbook of Religious Experience. Religious Education Press, Birmingham, Alabama, 1995.

Ricoeur, Paul: Nas Fronteiras da Filosofia. Ed. Loyola, São Paulo, 1996.

Savioli, Roque Marcos: Milagres que a Medicina não Contou. Ed. Gaia, São Paulo, 2004.

Shafranske, Edward P. Religion and the Clinical Practice of Psychology. American Psychological Association. Washington, DC., 1996, Chapters 11 & 21.

Trilich, Paul: Systematic Theology I, p. 157. Ed. Brasileira Teologia Sistemática. São Paulo, Ed. Paulinas, 1967. p. 738 in Croatto, José Severino. As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma Introdução à Fenomenologia da Religião. Ed. Paulinas, São Paulo, 2001.

Usarski, Frank in Reportagem da Revista Veja, 1997, ano 40, nº 8, de 28 de fevereiro de 2007.

Vergote, Antoine in Fraas, Hans-Jürgen. A Religiosidade Humana – Compêndio de Psicologia da Religião. Ed. Sinodal, Rio Grande do Sul, 1997.

ANEXOS

I. Entrevista nº 1 com Ramos em 18/07/07

AP: Estou fazendo um trabalho, é um mestrado na área da Psicologia e estou pesquisando relatos de experiências de pessoas que vivenciaram situações de adoecimento. Eu gostaria que você, de modo livre, me contasse como foi essa experiência para você, o que lhe foi mais ou menos importante, enfim como você sentiu tudo pelo que passou.

R: Então você me interrompe se algo não ficar claro?

AP: Pode deixar.

R: Então vamos lá! Eu tive um problema seríssimo. Isso foi em julho... Julho de 2005. Em julho de 2005 eu acordei, dormi e acordei, como todo dia eu acordo, não estava sentindo nada. Aí, coloquei assim a mão embaixo do meu braço assim e senti um pequeno nódulo debaixo do meu braço... Aí a minha filha estava em casa, essa que é médica, era sábado, e eu pensei: Que estranho, o que será que é isso aqui, né? Aí ela veio, olhou, cutucou assim

(apontou para a axila esquerda) e disse: Nossa! Será que é uma íngua, uma infecção? E há um tempo atrás eu tinha rompido um ligamento aqui no braço e não tinha operado. Foi há uns dois ou três meses antes disso, entendeu? Tinha que fazer uma operação mas eu não fiz. Aí eu pensei: será que é isso? Porque era no mesmo braço e tal.

AP: O que tinha acontecido com o seu braço?

R: Eu tinha que fazer uma operação porque aqui rompeu (apontou o ombro), se eu tivesse que fazer um esporte ou algum esforço eu tinha que fazer a operação. Aí, como passou o tempo eu achei que aquele caroço podia ser um reflexo daquele problema. Aí a minha filha falou: Pai, vamos aguardar quinze dias, porque é uma coisa tão... Às vezes nasce uma coisa na gente e depois some! Aí eu falei: “Tá bom!”. Levei a minha vida! Só que todo dia eu olhava e eu via que esse caroço estava aumentando. Começou aumentar, aumentar, aumentar, aumentar! E de pititico ficou grandão. E assim foi que eu descobri, porque não diminuiu. Aí daquilo eu fui um dia numa amiga dela que era médica também, que acompanhava a minha mãe, e ela disse: “E você, R., está bem?”. Eu estava com a minha mãe no médico. E eu falei: “Não sei se eu estou bom não. Eu acho que eu estou, mas nasceu um negócio aqui em

mim, que é estranho, a minha filha pediu pra eu aguardar uns quinze dias, mas eu estou achando que esse negócio está crescendo!” E ela falou: “Deixa eu ver isso aí”. Aí ela olhou e falou: “Nossa! Que negócio esquisito! Olha! Vamos fazer um ultra-som disso aí!”.

AP: Ela era médica de que especialidade?

R: Ela é cardiologista. Pra você ver! Nada das pessoas ir descobrindo! Normalmente quem descobre essas coisas são os hematologistas, né? Aí eu fui fazer o tal do ultra-som. Aí nisso já estava perto de agosto. E quando eu fiz esse ultra-som era agosto. Pronto! Aí quando eu peguei o exame e abri eu já falei “P... Eu estou com um problema na minha vida. Aí eu liguei pra minha filha”. E ela falou: ‘Pai, você não pode se precipitar, não está dizendo nada, só que tem uns linfonodos aumentados, mas isso não quer dizer nada e tal. Eu já fiquei meio preocupado, meio desesperado porque aí eu comecei a desconfiar que eu podia ter uma doença séria, um problema sério, que podia ser um problema mais sério. Isso foi já em... Em agosto, em agosto. Já tinha passado mais de um mês já! (pausa)

E um dia, um dia não... Eu mexo com transporte... Caminhão... Eu controlo, eu tinha uma empresa de transporte, um transporte, era uma empresa grande, tinha muitos funcionários, isso antes de acontecer isso aí, lá pra trás. Aí eu tive muito problema com essa empresa e tal! Perdi dinheiro, casa, perdi tudo, foi um passado que talvez esse passado justifique o presente. Então eu passei um aborrecimento. Imagina você perder uma casa, você perder... O meu estado emocional foi lá pra cima, fiquei nervoso, e aí aconteceu isso aí, entendeu?

AP: E isso aconteceu mais ou menos quando?

R: Isso foi dez anos antes! Mas depois disso aí, que aconteceu esse negócio aí, a minha vida nunca mais foi a mesma, porque os problemas ficaram e eu estava sempre tentando resolver os meus problemas. Não que eu parei com o transporte. Eu continuei com o transporte, continuei com a empresa, mas aí eu tive problema com... Com imposto, ICMS, oficial de justiça... Milhões de coisas! Eu não sei se esse lado emocional influenciou nesse tipo de coisa aí, porque ninguém sabe exatamente porque isso surge! Como ele se manifesta em você e não em outra pessoa! Porque eu já tinha propensão genética pra isso! Existe alguma coisa que desencadeou! Bom, isso

era a minha vida antes, muito incerta, muita correria, muitos problemas, muitos problemas. Só uma coisa eu não tinha que era problema de família. Então isso me ajudou! Nós sempre, em qualquer problema que nós tivemos, nós fomos muito unidos. Então eu nunca tinha problema de relacionamento familiar. Isso fez com que eu tocasse a minha vida normal. Eu consegui fazer a minha filha estudar, a V. se formou em Medicina, particular, né? e isso é muito caro! O meu filho se formou na USP, é veterinário, e a G., está estudando Rádio e TV. Só que eu tive muito problema emocional, muito, muito, muito! Então eu tive que me virar pra poder sustentar as coisas. A minha mulher trabalhava na prefeitura, nunca deixou de trabalhar, hoje se aposentou, mas ela ajudou muito, em todas as partes da minha vida. Depois eu vou te falar o que ela fez!

Então, talvez, quando aconteceu isso aí eu continuava com uns problemas, e eu achava que eu não podia falar, porque eu segurava pra mim os problemas porque eu achava que eu não podia abrir! E eu procurava poupar a minha esposa, porque como ela tinha o salário dela, que era um salário legal, eu conseguia pagar as contas da casa; só que os meus negócios continuavam enrolados, entendeu? Estava tudo enrolado e eu levava a minha vida. Aí chegou em agosto quando fez o tal do ultra-som, eu cheio de pepino, aí minha filha disse: “Olha pai...” ela estava namorando um rapaz que tinha uma clínica

de Radiologia, lá no interior, “Olha pai, eu estou preocupada, então você vem pro interior que ele vai fazer pra você novamente os exames! É bom começar a correr atrás disso!”. Lá ele fez uma punção e de novo constatou que tinha um caroço aqui, e outro por dentro! Aí isso foi numa segunda-feira e eu voltei pra casa. Na própria segunda à noite a minha filha ligou pra cá, ela estava na Unicamp fazendo residência, e falou: “Na terça-feira você vai ter que vir pra cá no hospital”.

E eu falei: “Pra que?” E ela falou pra minha mulher: “Já traz uma roupinha pra ele”. Já não queriam falar pra mim bem o que era. Mas eu sabia que tinha feito uma punção e eu falei: “Esse negócio é mais sério do que eu imagino!”. Aí me levaram pra lá e eu cheguei lá à tarde, já tinha uns médicos lá! Ah! Lá foi o grande baque! Lá foram me contar! Aí me colocaram numa sala lá, como eu era o pai dela apareceu médico de tudo quanto foi lado! Estava tudo prontinho pra me pegar de jeito, entendeu?

AP: Entendi!

R: Aí eu peguei um médico muito legal porque foi muito sincero e muito claro. Ele só perguntou pra mim: “Você sabe o que você tem? O que o senhor sabe sobre câncer?” Imagina alguém falar isso pra você! P...! O que eu

sei sobre câncer? Ah! Eu sei que câncer é um negócio muito sério e quem tem não dura muito. (Risos!) E ele falou: “Não. O senhor vai ter que esquecer tudo que sabe sobre câncer. Você tem um câncer linfático!” E perguntou se eu sabia o que era linfoma. Eu nunca tinha ouvido o que era linfoma. Não sabia nem o que era isso, nem que tinha isso aí. Então, “O senhor está com linfoma com certeza e tal. Mas a gente pra ter certeza absoluta não vai ficar só com essa punção que você fez! A gente vai te internar, agora!” E eu falei: “Já?” E ele: “É! Já!”.

Aí o meu mundo caiu! Puuu... Eu pensei! O que eu faço com os meus “rolo”? O que vai ser da minha vida? Porque eu tinha que correr atrás dos “rolo” todo dia! Não podia esperar, entendeu?

AP: Sim, era tudo para ser resolvido dia-a-dia...

R: É! Tinha pagamento, tinha funcionário, tinha duplicata, eu tinha “rolo”, “rolo” feio, e eu falava: Meus “rolo” vão tudo por água abaixo!”. Aí os médicos queriam me internar pra fazer mais uma punção e para tirar um material grande pra analisar.

Eu nunca tinha entrado num hospital até então. Nem pra operar a garganta, nada! Aí eles me colocaram numa maca, me levaram pelo corredor,

eu via aquelas luzes passando, entendeu? Lá no corredor, igual eu só tinha visto em filme! E eu pensava: “O que aconteceu com a minha vida?”. Aí eu vi fazerem a operação. Eu nunca tinha cortado nada.

AP: Você estava consciente então?

R: É! Era só anestesia lá no local. Eles não fizeram uma operação, era só pra tirar um pedaço pra fazer a biópsia. E aí... Daquele dia, aquele bendito dia que eu não lembro bem a data, eu sei que foi no finalzinho de agosto, era 30 de agosto de 2005... 30 de agosto... de 2005! Aí de lá eu saí e vim pra casa eu acho! Eu nem lembro se eu vim pra cá ou se eu fui pra casa da minha filha, lá no interior, é! Eu vim embora no outro dia! Eu fiquei lá porque aí eles iam fazer o exame logo pra eu começar o tratamento rápido, porque quanto antes eu fizesse o tratamento era melhor, né? Aí eu não sei se eu voltei pra casa! Sei lá! Pouco importa. Acho que eu voltei sim! Mas aí eu já sabia que estava com câncer! Aí eu falei: “Pronto! E agora?” Como fica a cabeça de um sujeito que estava acostumado a tomar decisão de tudo? Quem tomava as decisões aqui em casa, de tudo, era eu! O que eu faço? Aquele primeiro momento pra mim virou um pandemônio! Um pandemônio! A minha cabeça virou um parafuso! Eu não sabia exatamente o que ia acontecer. Eu não sabia nada! Mas a minha

maior preocupação naquela hora era saber o que eu ia fazer com os meus “rolo”, como é que eu ia resolver as minhas coisas?

AP: Entendi.

R: Aí foi! Passou um tempinho, eu voltei no hospital lá no interior. Aí chegou lá e o cara falou: “Foi constatado que você tem um linfoma, é maligno, você tem um tumor maligno no sistema linfático, e você vai começar a fazer o tratamento.

Aí eu falei, a primeira coisa, eu tenho que avisar as pessoas. Primeiro porque as pessoas têm que saber, todas. Quem são todas? Os meus clientes, o banco onde eu tenho conta e as minhas coisas, meus parentes, meus amigos, todo mundo precisa saber! Aí eu comecei a falar pra todo mundo! Não sei se aquilo lá mexeu com a minha cabeça, mas eu falava pra todo mundo: “Eu estou doente, estou com câncer”. E aí tudo que eu queria falar, eu queria comentar, eu queria saber, tudo eu falava pra todo mundo. Eu achei que era o primeiro passo que eu devia dar na minha vida! Era eu falar pras pessoas pra elas entenderem que eu ia ter problema! No banco, porque sabia que eu estava enrolado pra c...; pros meus clientes, pra eles poderem me dar uma segurada nas minhas coisas e pra ter uma garantia de que eu ia continuar com aquele

trabalho, não é verdade? Pros funcionários, pra eles saberem que eu ia ter problemas, porque tudo girava em cima de mim até aquele momento, entendeu?

AP: Sim! E isso tudo foi um movimento seu, sem ninguém te dar essa ou qualquer outra orientação, certo?

R: Isso foi meu primeiro momento da doença, não tinha nenhum profissional me falando nada sobre isso! Aí eu falei: “Qual vai ser a minha solução pra seguir com a minha vida?”. E o médico falou: “O seu tratamento vai ser assim: Você vai vir uma vez por semana pra fazer quimioterapia, que vai ser um dia por semana. Aí você volta pra casa e na outra semana você volta...”.

Aí eu pensei: “Mole! Mole! Então eu vou continuar fazendo os meus trabalhos!”. Aí o médico deu risada e falou: “Eu nem vou falar nada porque você vai saber como vai ser”. É porque eu não tinha idéia de como era esse tratamento. E ele falou: “Eu estou achando que você não vai conseguir, mas se você conseguir...! Eu acho que você não vai ter ânimo, mas se você achar que vai conseguir parabéns a você!”.

Bom. E aí foi, né? E eu bem, bem, já não achava que ia morrer! Porque eu achei que ia morrer num primeiro momento. Eu achei que ia ter uma vida curta, pois daqui pra frente quem tem câncer morre! Mas aí eu já tinha um tratamento proposto, o médico falou que eu tinha chance, tudo legal! E eu comecei o tratamento. Aí na primeira vez eu cheguei lá na Unicamp, no local que faz quimioterapia, no ambulatório deles, entrei e fiquei aguardando ser chamado. Tinha umas poltronas, tinha televisão, tinha ar condicionado, tudo legal! E eu lembro bem que o primeiro dia foi o dia que morreu o Ronald Golias. Eu estava vendo isso na TV. E tinha lá uma senhora de setenta e poucos anos fazendo quimioterapia. Ela era toda disposta. Como é que pode uma senhora de setenta e poucos anos chegar pra mim e falar: “Filho, você não se preocupa porque nada acontece pras pessoas por acaso! Você vai ter que passar por isso, só você vai passar por isso. Eu... (ela falou), se você quer saber, estou fazendo esse tratamento porque eu tenho o meu filho em casa!” Você vê, uma mulher de setenta e poucos anos preocupada com o filho de cinquenta eu acho. E disse: “Eu saio daqui, vou pra minha casa...”. Eu não acreditava naquilo, eu nunca tinha visto pessoas de fora assim doentes, eu nunca tinha parado pra observar uma pessoa doente, uma pessoa com problema. E uma mulher com aquela idade, doente, com disposição, fazendo tratamento, sorrindo...! Aí eu falei: “Pô! Eu estou sendo injusto até comigo!

Eu sou novo, tenho família, estava todo mundo lá, até minha cunhada, todos me acompanhando, então eu estou com tudo e não estou prosa, entendeu? Se ela consegue isso, porque eu não vou conseguir? Então aquela mulher me deu uma injeção de ânimo muito grande e é uma pessoa que eu nunca mais vi, entendeu?

AP: Entendi.

R: Mas o pior da história eu não te falei ainda!

Aí na outra semana eu voltei. Eu tinha voltado pra casa, tudo bem, saí animado! Aí aquele medo que eu tinha que dizem que você faz quimioterapia e passa mal eu não senti! Parecia que tinham me dado soro! Não senti nada! Estava tudo normal!

Aí na outra semana eu fui lá e me aplicaram uma injeçãozinha! E eu falei: “Essa é a quimioterapia? Essa injeçãozinha que vocês me deram? A minha mulher e a minha cunhada tinham saído e eu fiquei esperando elas voltarem porque tinha sido tão rápido! Saí, sentei lá fora e fiquei esperando. Quando elas voltaram eu falei: “Mole! Mole!”. E voltei pra casa.

Aí eu fui pra terceira sessão. Quando eu cheguei lá, eu tinha que passar por exame médico, eles tiram o seu sangue pra ver como está a sua imunidade,

pra ver se você pode continuar o tratamento ou não! Aí a moça lá falou: “Olha! Eu tenho uma notícia muito séria pra dar pra você. É! Não é uma notícia muito boa não. O tratamento que eu estou fazendo é um tratamento que vamos ter que parar! É um tratamento errado porque esse linfoma que você tem não é o linfoma que a gente estava achando. Você tem um linfoma muito mais grave! É o linfoma de Hodgkin.

Aí eu perguntei: “O que é isso?” E ela falou: “É o linfoma mais agressivo que tem, que existe, de linfoma! E o tratamento não pode ser esse espaçado e voltar pra casa. O tratamento que você vai ter que fazer é internado. Aí eu falei: “Não!”. Então aquilo que eu achava que eu podia resolver durante a semana mudou tudo! E os meus “rolo”? Então não vai dar mais pra trabalhar, eu não vou conseguir! Porque aí caiu a ficha! Então eu voltei pra casa e nem me deram quimioterapia aquele dia. Aquelas duas sessões que eu tive ficou por água abaixo. Eu já fiquei na casa da minha filha. E as minhas coisas eu fui tocando assim. E eu falava: “E agora?”. Aí me internaram e eu tinha que ficar uma semana internado. Eu começava com o tratamento na medula, quimioterapia na minha medula e colocavam medicamento lá. Aí colocavam 24 horas de remédio direto, eu internado, e a semana toda tomando quimioterapia. Aí pronto! Mas eu nunca me enrolei, nunca fiquei assim... Porque aí eu falei que se danem as minhas coisas! Eu

acho que eu tenho que cuidar da minha saúde! Mas aí eu tive a sorte, porque eu sofri uma... Uma... Como é que fala... Eu sofri uma... Uma intervenção, entendeu?

AP: Judicial?

R: Não! Aqui dentro! Da minha mulher e da minha cunhada! Elas resolveram fazer uma auditoria das minhas coisas! (risos) Ah, meu Deus do céu! Tudo que eu tinha escondido, tudo que eu não tinha falado, tudo que eu não queria pedir, tudo que eu queria fazer... Elas descobriram o rombo! Só pra você ter uma idéia, se coloca na situação de um sujeito preso num hospital, a esposa sabia do problema, mas não sabia a gravidade do problema, até que ponto eu estava enrolado com o dinheiro. Pra você ter uma idéia era por volta de R\$100.000,00, vai! E a curto prazo! E eu lá sem poder nada, eu já não podia mais dar opinião porque a coisa era tão iminente! A minha maior preocupação naquela época era essa parte de dinheiro. E eu só fiquei sabendo depois. Elas voltavam pra casa e continuavam procurando. E eu fiquei sabendo depois de umas decisões que elas tomaram! Porque aí eu não podia falar aceito ou não aceito! Você imagina o que elas fizeram. Simplesmente elas arrumaram uma grana aí e acertaram essa parte. Pegaram tudo que eu

tinha na época, mais a irmã dela, e tomou uma postura que dificilmente as pessoas tomam num momento desse: O que elas pensaram? O que ele mais precisa num momento como esse é de tranquilidade. Porque era um tratamento longo, porque iam ser seis ciclos dessa maneira que eu te falei! E sempre uma semana internado. Elas pensaram que o que eu precisava pra me recuperar e pra fazer esse tratamento era de tranquilidade, e não ficar pensando no abacaxi aqui que ia estourar! Elas queriam era tirar preocupação. Essa ajuda financeira nem sempre é o que as pessoas fazem. Então foi uma coisa muito gratificante, muito legal, que eu não sei o que eu posso falar pra uma pessoa que faz um negócio como esse que a minha cunhada fez! De pegar uma grana alta dessa e te colocar na mão sem saber se eu ia ter condições a curto prazo de devolver pra ela! E fez! Arrumou o dinheiro, ela tinha uma casa em Campos do Jordão e vendeu a casa pra arrumar o dinheiro!... (pausa e breve choro)...

Eu fico emocionado!... (pausa e breve choro)...

AP: Com certeza! Foi muito importante! Um apoio enorme!...

R: Eu dificilmente falei de novo desse assunto. Eu estou falando com você que é o que aconteceu naquela época! Porque se eu não tivesse esse apoio eu acho que eu não teria vencido!

AP: Eu imagino!

R: E eu não pedi! Elas fizeram! E era uma situação que eu estava todo arrebitado, não tinha mais condição nenhuma de falar faz ou não faz! É muito bom você se sentir uma pessoa importante! Dali pra frente quem era eu pra ficar reclamando do meu problema, ou do que ia acontecer comigo, se elas estavam tomando todas as iniciativas! Elas vinham pra cá, pagavam as contas, acertavam as coisas...

Aí eu resolvi fazer o seguinte: Por lá eu trabalhava. Eu pegava o celular, ficava ligando pros clientes... Porque aquilo me deu uma injeção de ânimo! Aí eu falei: Puxa vida! Eu tenho pelo menos que me dar, um pouco de mim, eu fazia a minha parte, entendeu? Daí foi, pra você ter uma idéia, nove pra dez meses de tratamento... Dez ou onze meses de tratamento. Eu comecei em setembro e terminei em março. Foi um voto de confiança muito grande, você ver as pessoas cuidando das suas coisas!

Então isso me ajudou profundamente, isso ajudou muito na minha recuperação. Que foi o que? A atitude humana, não foi nem a financeira não, foi dela (esposa) me ajudando aqui, da minha cunhada tomando a postura que tomou, entendeu?

AP: Sim! Você foi considerado valorizado...

R: Isso! Hoje em dia é todo mundo só se voltando para si e aqui eu sei que foi pra mim a ajuda. Aí assim eu fui me tratando! Passei por momentos ruins...

AP: Imagino!

R: Só pra você ter uma idéia, eu ficava com imunidade zero! Aí eu mesmo raspei meu cabelo porque eu sabia que ia cair o cabelo; caiu sobrancelha, caíram cílios, caíram todos os pêlos do meu corpo, emagreci pelo menos uns doze quilos no tratamento...

Mas eu acho que o que valeu disso aí tudo foi o seguinte: Em nenhum momento desde que falaram que eu estava doente, só por alguns segundos, eu pensei que ia morrer! Pensei coisas bobas: “Pô! Será que eu não vou ver a

formatura do meu filho”, que ele ia se formar em Veterinária, porque na cabeça de uma pessoa doente passa esse tipo de coisa.

AP: Sei! E é esse tipo de vivência, de significados e de sentidos pessoais, que estou procurando pesquisar.

R: Então! No começo eu pensava: Puxa vida! Lutei, lutei, lutei! Briguei, briguei, briguei! E de repente vou terminar sem ter concluído o final da minha missão. Que é, eu tenho três filhos, só uma formada, talvez até visse o meu filho formado, mas e a caçula, eu vou ver se formar? Tudo por uma fatalidade da doença, entendeu?

Isso foi um pensamento no começo. Logo no primeiro dia. Depois, quando você vai se envolvendo com a doença em si e você percebe que os médicos falam pra você que você tem chance, que você tem cura, desde que você consegue se sustentar; quando você recebe apoio do jeito que você recebeu, da família, de todos... Apoio emocional e etc. pra deixar você tranquilo, e você só se preocupar com o seu interior, com o seu problema de doença, que foi o que aconteceu comigo porque a partir do momento que elas resolveram a minha situação, que era a mais perigosa que existia, que era a situação de dinheiro a curto prazo, daquele momento em diante eu não me

preocupava mais, a não ser mais fazer a minha rotina continuar, que eu pegava a minha agenda, ligava e ia tocando a coisa, porque quando souberam que eu estava doente, todo mundo teve um pouco de compreensão! Os bancos tinham compreensão, os amigos tiveram compreensão... Então você percebe o seguinte: Que você é querido, que você é legal! Teve o aspecto bom da doença, que tem pessoas que ainda estão preocupadas em ajudar o próximo, em ajudar uma pessoa debilitada! E isso faz você refletir bastante, entendeu?

E você muda um pouco. Depois que passou tudo isso aí, eu falei pra você que foram dez ou onze meses, que foi muito remédio, ficava muito debilitado, estourava tudo que era ferida na minha boca, na minha garganta... Eu não sentia vômito não, eu não passava mal não, eu nunca passei mal com remédio nenhum, eu tinha estômago de ferro. Acho que as cervejinhas que eu tomava fez bem! E eu fiquei tão animado porque eu sabia que podia sarar, que tudo que podia eu fazia, eu assistia futebol na TV do hospital, torcia para o meu Corinthians tomando a quimioterapia, torcendo, torcendo! Então eu comecei a levar a minha vida lá legal, Entendeu? Legal tipo assim: eu era legal e de alto astral para ir fazendo as minhas coisas.

Então as pessoas que passam por uma situação igual a minha podem pensar que vai morrer, porque morrer todo mundo vai, não é verdade? É só uma questão de tempo! Então isso você aprende. Então eu aprendi uma coisa:

eu não tenho mais medo de morte! Porque eu sei que uma hora eu vou morrer. Eu acho que eu estou tendo uma sobrevida! Geralmente as pessoas que têm câncer e fica legal, isso é uma sobrevida! Então você tem que saber aproveitar a sobrevida. E você tem que eliminar de você o que mais de problema te trazia.

Eu não tinha e não tenho, graças a Deus, problemas de ordem emocional dentro da minha casa, eu não tenho problema com a minha esposa, não tenho problema com os meus filhos. Eu não tenho problemas nessa ordem! Eu tenho uma família boa! Qual era o meu problema? Era o financeiro, quando eu passei a ter problema de um momento pra cá! O que eu tenho que eliminar, eu acho, na minha sobrevida? É você, devagarzinho, gradativamente, não cometer novamente os erros que você cometeu lá atrás, que levaram você a ter os problemas e devagarzinho ir resolvendo, porque nem todos eu resolvi! Uma parte elas resolveram, mas a outra parte eu continuo... Eu continuo com o meu negócio, continuo atendendo clientes, continuo tendo ajudantes, mas eu continuo fazendo isso de uma maneira mais suave! Então é isso que eu continuo fazendo! Não é que eu virei vagabundo não!

AP: Entendi! Está claro!

R: Eu resolvi dar um ritmo diferente na minha vida! O que eu imaginei que ia acontecer comigo é que eu ia mudar. No começo eu pensei: Eu vou mudar! Só pra você ter uma idéia que as pessoas mesmo passando o que eu passei, elas não mudam a personalidade! E eu pensei que eu ia mudar! Eu jamais vou ficar nervoso de novo! Eu não fiquei mesmo nos primeiros seis meses, porque agora em março faz um ano! Nos primeiros seis meses eu fiquei uma beleza, não ficava nervoso com ninguém, não me aborrecia, eu ficava olhando a formiguinha passar, não ligava pra nada de bobeira, aí foi passando o tempo e você percebe uma coisa: a distância vai fazendo com que você continue sendo você; você não muda, a pessoa não muda! Você pode mudar atitudes, você não muda a personalidade, até muda alguma coisa, uma maneira de pensar, mas você não consegue controlar como a pessoa é! Às vezes eu penso: Puxa! Eu posso me controlar! Mas eu sou assim! Eu fico nervoso! Eu achei até que eu estava ficando babaca, entendeu? Mas com o tempo eu vi que eu não mudei nada! Eu já estou começando a ser o que eu era antes! Mas têm coisas que eu preciso consertar pra... Porque eu percebo que eu começo a ter os mesmos vícios, os mesmos defeitos... E eu estou lutando pra que eu mude! Eu continuo lutando com o meu interior, com o meu eu lá dentro, procurando ver o que eu passei... Se eu continuar assim eu posso ficar doente de novo, porque eu não sei a origem do porque isso aconteceu comigo!

Também eu não posso dizer que aconteceu isso comigo porque eu era uma pessoa muito agitada, muito explosiva ou talvez não tenha sido, mas talvez possa ter sido! Talvez eu tenha procurado problemas porque eu passei por muitos problemas que eu procurei, eu criei os meus problemas e depois eu não conseguia resolver. É esse tipo de coisa que eu tenho que evitar que aconteça novamente: eu criar problemas para que depois outras pessoas tenham que resolver os meus problemas! Resolveram porque eu fiquei doente e eu também não tive a sensibilidade na época de abrir os meus problemas e evitar chegar no nível que chegou se eu pedisse ajuda antes! Eu devia ter tido humildade de pedir ajuda antes, entendeu? As pessoas têm que perceber que quando estão com problemas devem pedir ajuda antes! Vá procurar ajuda antes do problema ficar tão sério!

AP: E hoje você sente que procura essa ajuda?

R: Eu procuro! Eu procuro falar mais! Eu pelo menos não escondo mais nada. A minha mulher já mudou! Ela tomou uma postura diferente, as pessoas eu percebi que tomaram uma postura diferente, hoje estão voltando a ter mais ou menos a postura que tinha em relação comigo, como era antes, entendeu?

Porque eu estou bem! Já não mexem mais nas minhas coisas! Mas só que eu também procuro falar. Antes eu não falava nada!

AP: E isso hoje para você é tranquilo?

R: Hoje é, porque antes não era tranquilo pra mim.

Eu estou procurando tentar ouvir mais as pessoas, ouvir mais os meus filhos, os meus amigos. Deixar as pessoas falarem o que querem pra mim. E eu me colocar sem achar que só eu tenho razão. Eu acho que eu tenho melhorado um pouco.

Só de hoje eu estar falando é sinal de que eu melhorei, entendeu?

AP: Sim!

R: Antes eu era o dono da verdade.

AP: São esses tipos de reflexões que eu gostaria que você me falasse um pouco mais... Quando você estava doente, o que além do que já me contou até agora, lhe dava apoio ou suporte nesse sentido dessas reflexões que você me apontou como sendo mais pessoais?

R: Você ser melhor para as pessoas...

AP: E o que lhe dava condições para ser uma pessoa melhor? Em que você se apoiava?

R: É... Tem gente que se apega no lado espiritual, tem gente que se apega em religião, no lado religioso. Eu não me apeguei em nada disso naquela ocasião! Eu me apeguei em que eu me senti tão bem em saber que as pessoas acreditavam em mim que eu deveria fazer algo para me sentir bem com as pessoas.

AP: Como assim?

R: Eu achava importante você melhorar no seu interior, porque todos nós temos defeitos, concorda? E eu acho que isso são os que mais aparecem, e defeitos têm muitos, bastante! E têm coisas que a gente precisa melhorar! Eu preciso melhorar no relacionamento com as pessoas. Eu era muito intransigente. Eu era muito dono da verdade. E ainda continuo sendo um pouco, é só perguntar pra minha esposa. Mas eu estou tentando mudar! Porque isso serviu de lição de vida pra mim! Eu nunca me apeguei a nada, mas teve

uma coisa que eu achei interessante, que eu me apeguei... Por exemplo: me deram uma santinha de Nossa Senhora Aparecida e eu me apeguei muito a ela. Eu não sou um cara muito religioso e eu me apeguei àquilo, entendeu? E aquilo lá parecia que antes de eu conversar com uma coisa eu conversava com a santa, então nisso eu mudei porque até hoje eu fico pensando; eu preciso ir lá em Aparecida, mas só que eu demoro muito pra fazer as coisas.

AP: Como se dava, como era esse seu diálogo com a santa?

R: Ah! Era de agradecimento por todo o dia que eu estava vivendo. Não era uma coisa assim direto! Mas é sempre quando eu vou voltar. Aí eu orava pra ela!

AP: E você não tinha esse costume antes?

R: Não! E até hoje eu faço, eu continuo orando pra acordar e pra deitar. Todo dia pra agradecer o dia que eu acordo.

AP: É uma conversa mais livre ou alguma oração fixa?

R: É só uma conversa, porque tem uma Nossa Senhora Aparecida bem na frente da minha cama!

AP: Entendi! O que esse orar significa pra você?

R: É uma sensação boa! Vamos supor: Se você teve algum vício na sua vida, de cigarro, de tomar uma bebida, é uma sensação assim, interna, tão boa que cada vez que eu chego lá de noite, que eu vou sentar lá à noite, eu fico lá olhando e é uma sensação boa.

AP: E de que faz falta se não fizer? É isso?

R: Exatamente. Igual está fazendo falta se não estiver tragando um cigarro.

AP: Entendi!

R: Então! E esse tipo de coisa eu não tinha! Eu não era assim! Eu me deitava e tchau e benção e levantava no outro dia! E hoje eu continuo fazendo esse ritual! Todos os dias! Todos os dias! E outra coisa que eu procuro fazer

todos os dias é ver o pôr do sol! Quando eu consigo ver aqui da minha varanda, quando o dia está bonito eu vejo aqui da minha varanda o sol se pôr! E daqui não dá pra ver ele nascer porque senão eu ia ver! Porque eu acho que é importante o pôr do sol porque eu acho que é mais uma etapa da sua vida que você está vendo.

Então eu passei a valorizar um pouquinho mais a minha vida, entendeu?

AP: Sim!

R: Mas eu estou retomando aos poucos a minha vida normal, eu estou voltando a tomar a minha cervejinha e eles (família) não estão gostando!

AP: Pra ir voltando a uma vida normal...

R: É! Eu não vou ficar com medo de ficar doente de novo porque estou voltando a fazer algumas coisas de antes!

AP: Existem restrições médicas?

R: Não! Eles (família) é que queriam que tivessem algumas, mas não tem não! (risos).

Então eu só sei de uma coisa: A experiência de vida que eu passei, de doença, me fez ver que eu sou uma pessoa como você, como outro, como o meu ajudante... Eu não sou mais nem melhor que ninguém. Eu simplesmente faço parte do sistema, que é um ciclo, que vim aqui por algum motivo. Talvez disso eu talvez eu comecei ter mais percepção: de que você não está aqui por qualquer coisa. Eu faço parte de algum emaranhado maior, ou alguma coisa mais, tipo cosmo, uma coisa mais espiritual que faça com que você tenha uma razão de estar, uma razão de estar, porque... Eu tive muito doente, por exemplo, eu tinha a minha mãe, não queria que a minha mãe soubesse porque podia ficar doente. E a minha mãe morreu. E eu não fui... (pausa)... Entendeu?

AP: Ela ficou sabendo sobre seu estado de saúde?

R: Ficou, mas não queria falar pra mim porque achou que eu não sabia. Então eu achei que não chegou a minha hora de ir e isso é só campo espiritual, que eu nunca pensei muito nesse lado. Ela era mais espiritualizada do que eu. Eu era muito cético com esse tipo de coisa, entendeu?

AP: Qual era ou é sua formação religiosa?

R: Eu sempre fui católico, não praticante! Aquele católico que não tem uma formação muito sólida. Na minha infância eu tenho uma lembrança que a minha avó me levava numa igreja evangélica, eu ia muito na igreja evangélica com a minha avó, só que eu não sou evangélico.

Creio em Deus, mais do que nunca. Agora! Aumentou minha fé e minha crença em Deus! Não creio, não creio que Deus ou algum santo como as pessoas falam vai estar preocupado especificamente com você! Você faz parte do sistema! Mas creio que não chegou a minha hora! Creio que eu tive que ficar doente pra ter percepção de alguma coisa diferente, que talvez eu esteja buscando ainda! Que nesse período de doença eu não tive tempo de buscar ainda. Mas creio nisso! Eu acho que eu tenho um motivo que eu vou ter que descobrir porque eu tive que passar por isso, porque eu tive que passar por todo esse problema, porque eu sofri tanto, porque as pessoas se envolveram tanto no meu redor. E porque eu estou tão bem! Porque eu estou muito bem comigo, estou bem psicologicamente. Eu não fiquei depressivo em nenhum momento.

AP: E não teve acompanhamento psicológico em momento nenhum?

R: Nenhum! Nenhum! Ninguém veio me dar nenhum apoio porque eu não precisei! Eu tenho uma psicóloga na família que achou que eu precisava de acompanhamento psicológico, mas eu nunca fui procurar, não porque eu não acredito, mas porque eu não tive necessidade! Eu encarei muito bem! Mas eu acho que foi todo um aprendizado! Eu aprendi! Eu tirei proveito de coisas ruins! Eu acho que a doença... Gozado... Geralmente a doença afasta as pessoas, ela não é um momento de união das pessoas, mas na minha experiência foi muito ao contrário, eu me senti mais unido à minha esposa e aos meus filhos do que antes da doença. Só o valor que eles me deram! A minha esposa ficava comigo no hospital o tempo todo! Eu não sei, já falei isso pra ela, se eu teria esse desprendimento de ficar com ela o tempo todo! Eu devia estender um tapete vermelho toda vez pra ela passar! Ela subiu muito no meu conceito de esposa, de família. Isso é esposa! Família é muito importante! Falam que família está fora de moda, mas não é assim. Pessoas que têm família consegue esse respaldo que eu te contei! Eu me emocionei hoje porque eu falei da família. Eu recebia visitas de primos e parentes que fazia tempo que eu não via. Teve uma tia que eu nunca vi, eu nem conhecia. Era irmã da minha vó, bem velhinha, mais de noventa anos e foi lá me visitar no hospital. Mesmo as pessoas que trabalham comigo, a compreensão que tiveram. Os

caras não deram um aborrecimento! Todo mundo resolveu esperar eu me recuperar. Todo mundo ficou esperando, entendeu?

AP: Entendi!

R: Então é aí que você vai buscar a força que você está precisando. Eu sempre imaginei que era patife, porque eu nunca tinha doença, eu não gostava de tomar injeção. Imagina passar pelo que passei. E eu estou assim, hein? Porque eu vou ter que fazer o acompanhamento por cinco anos. Pra ver se tem remissão. Eu tenho plena consciência de que pode voltar. Só que eu estou assim! Se voltar eu vou lá ver!

AP: Essa incerteza então não te mobiliza?

R: Não! Eu estou preocupado porque tem um carocinho que voltou! Aí eu fiquei agoniado, mas eu voltei lá no médico e eu ia voltar só mais no fim do ano. E eu fui lá porque se eu tiver que fazer eu quero encarar logo! Porque o que mais pega na gente é essa incerteza de ter ou não ter porque você já sabe o que é, eu sei o que é o problema.

Eu inclusive desconfio dos médicos porque eu fico sentindo tudo! A minha família é que fica pedindo pra eu esperar mais! Porque tem coisas que vem e desaparecem logo!

Eles falam que eu estou me cutucando muito, mas eu acho que se não tinha e agora tem eu tenho que ir ver logo! Gato escaldado tem medo de água fria! Eu já falei com a minha filha. Até a médica não sentiu nada, mas eu sinto sim! Ela até falou se não era da minha cabeça, mas não é! Eu estou sentindo! Então é assim! Não sei se deu pra você entender como foi a história da minha doença.

AP: Lógico! Ficou muito clara a sua posição de não se entregar e também um momento seu mais interior que foi sua devoção...

R: Eu tenho um amigo que me perguntou se eu fiquei mais religioso e eu falei que não, mas eu devo ter ficado!

AP: Como assim?

R: Só de eu toda noite ficar orando pra Nossa Senhora Aparecida, né? E eu tenho uma imagem no carro de Nossa Senhora Aparecida, e eu nunca

colocava essas coisas, agora ela caiu, quebrou, e eu não joguei fora, eu deixei no porta-luva.

AP: E porque você considera importante deixar ela lá?

R: Eu não sei! Eu me sinto mais seguro! (risos). Se aquilo fez tão bem pra mim porque eu vou tirar ela de lá? Deixa ela lá! Porque de tudo que me deram, e me deram muita coisa nessa época... Teve até quem queria me converter. Mas eu acho que as pessoas que estavam muito debilitadas e elas estavam depressivas, essas pessoas eram mais fáceis de serem convertidas. Não é que é mais fácil ou mais difícil! Elas se convertem por si só porque elas não têm mais opinião.

AP: Eram de que religião?

R: Tinha um grupo pastoral e os evangélicos. Só! O que eu não achava legal eram os evangélicos porque eles iam lá e pareciam, da maneira que eles tratam a religião deles, e eu nunca falei porque eu não ia falar isso lá, parecia que estavam encaminhando a alma do sujeito lá pro céu! O sujeito já estava todo depressivo lá e do jeito que eles faziam era muito ruim! Eu saí do quarto

porque eu não queria participar daquilo ali! Eu tinha as minhas visitas, me levavam coisas pra ler ou rezavam pra mim, mas não era pra encomendar minha alma! (risos).

AP: E nessas visitas você rezava junto?

R: Eu rezava com elas, mas não eram orações grandes. A gente lia os papeizinhos que eles levavam. É aquilo que eu falei antes! Eu não acho que Deus ia perder tempo com tanta gente lá! Eu estava buscando a minha cura do meu corpo e não da minha alma! Eu separei bem depois que fiquei doente a concepção de corpo e alma! Corpo é essa matéria que nós temos aqui e que ficou doente, mas a minha alma era outra coisa, estava bem, legal! Gostei muito sim de coisas que me deram, gostei muito, por exemplo, da minha irmã, que é da igreja messiânica, e me trouxe uns ensinamentos bons, ensinamentos de vida mesmo que eu vi lá! Tem uma parte da Messiânica que eu concordo e outra não, entendeu? O meu sogro faz parte da Rosa Cruz, que não é uma religião, mas faz parte de uma coisa mística, ele me trouxe umas coisas boas. Tudo isso foi bom porque eu percebi das pessoas um interesse e uma energia muito positiva pra dentro de mim. Pra você ter uma idéia me trouxeram aquela coisa da pílula do Frei Galvão. Eu não tomei porque não me deixaram, né?

Porque naquela época, no comecinho, eu fazia qualquer coisa porque naquele momento eu estava topando qualquer coisa, eu estava atirando pra todo lado, mas depois eu parei de atirar porque achei que não era legal!

AP: Mas não tomou as pílulas por qual motivo?

R: A minha filha não deixou! Porque eu estava de máscara, não podia nada! E a minha filha falou que não sabia como haviam feito a pílula. Eu não podia comer nem pão de padaria, era tudo cozido, tudo esterilizado e fervido aqui em casa, tudo era álcool e a pílula não sabia como tinha sido feita!

Quando a pessoa fica doente as pessoas mexem muito com o lado religioso e eu acreditei nessa ajuda porque me fez bem em alguns momentos, mas não que eu ache que isso é a salvação, entendeu?

AP: Entendi. Você não descartou, mas também não se envolveu demais, não é?

R: Tinha gente lá que parecia que se entregava porque aí iam ser curados não pelo remédio, mas só pela força espiritual. Mas isso não existe. Eu acho que não sou ninguém pra falar que não existe milagre, mas eu acho

que um cara que tinha um câncer igual o meu, se não tomasse remédio ia morrer! Porque o meu corpo precisava do remédio. Mas eu tenho que melhorar o meu lado espiritual que é ser mais bondoso com as pessoas. Isso aí a vida é que tem que ensinar, você tem que praticar caridade!

É isso que está mudando, esse meu lado está mudando pra eu ser mais humano com as pessoas. Eu tenho certeza absoluta que nesse lado humano de compreender mais as pessoas, de compreender o que está se passando, isso eu acho que a gente tem que estar mais presente, quando a pessoa precisa... Esse lado eu acho que melhorou bastante e vai melhorar bastante. É só uma questão de eu aceitar que eu estou curado e posso ajudar o outro.

Quanto mais o tempo passar, quando eu for lá no médico de novo no mês que vem e descobrir que eu não tenho nada eu vou me sentir mais seguro. Eu já até pensei em ajudar pessoas que tem o mesmo problema meu, tentar passar alguma coisa positiva, mas nada do lado religioso não, é mais de experiência de vida mesmo! Porque isso faz bem! Você que é psicóloga deve saber! Isso faz até bem só pra mim! De falar no assunto, né? Eu me emocionei de novo porque isso me faz bem! É tão bom você deixar aflorar teus sentimentos, deixar uma palavra, um elogio, né? Você falar que ama uma pessoa, poder abraçar um amigo, a gente nunca tem tempo, não é isso? E na hora que você vai pro hospital você percebe que são nessas horas que você

tem que valorizar! Feliz é a pessoa que chega à conclusão que eu cheguei! Que nada vai parar com a minha ausência. Eu não vou parar com a evolução humana ou com a evolução da minha vida e com a minha vida, por isso eu tenho que fazer coisas pra eu ser lembrado, com exemplos bons para as pessoas de como foi a minha vida aqui! Mas que eu sou imprescindível, insubstituível, não!

As pessoas têm que entender isso aí! São pessoas que só olham pra si mesmo e não percebem nada à sua volta! E não é assim não! Quando você fica doente você percebe que você não é nada! Não adianta se matar, nada! Tem é que olhar pro outro lado também, pro próximo! Você fica tão doente que você volta a ser criancinha, entendeu? E é tudo muito de repente, viu? Eu não sei. Eu tinha que ter parado! Eu tinha que resolver aquele problema na minha vida. E a doença veio pra resolver algumas coisas que eu não tinha coragem de botar pra fora, entendeu?

Eu não sei se isso tudo não foi uma ajuda divina, concorda? É por isso que as coisas acontecem. Pra mim aconteceu assim! E as coisas vão se encaixando no dia-a-dia! Sei lá! Eu sei é que eu estou firmão aqui!

AP: Eu agradeço muito a sua disponibilidade em falar dessa experiência toda. E se precisar eu vou sim ligar novamente e nós vamos esclarecendo qualquer dúvida.

R: Tá! É só me ligar!

II. Entrevista nº 2 com Ramos em 09/08/07

AP: Agradeço a sua atenção em me receber novamente para podermos complementar alguns pontos com relação à entrevista anterior. Eu a transcrevi e após reler algumas vezes pude perceber que você falou de várias coisas, relatou muito bem a experiência, como foi todo esse processo de sua doença e dentro de tudo isso um aspecto que também apareceu foi a religião. Esse é o tema do meu trabalho, dessa minha dissertação. Nesse campo da religiosidade e ainda mais especificamente da oração, esse ponto foi mencionado em pelo menos dois momentos: Quando você me contou da Nossa Senhora Aparecida, e quando você presenciou no hospital orações de evangélicos que até te incomodaram naquele momento. Então eu gostaria de pedir para me falar um pouco mais sobre essa religião para você, e se necessário eu te interrompo para algum esclarecimento, tudo bem?

R: Eu não sei como é que eu consigo te explicar, mas eu vou começar a te explicar por algumas coisas que eu vou te mostrar!

AP: Tudo bem!

(Nesse momento Ramos se levantou, e foi até o quarto. Voltou trazendo alguns livros na mão e continuou com seu relato).

R: Você vai entender o que é isso aqui! Eu não tinha nada disso aqui, está vendo? Nada! Então... Eu era... Era não, eu até sou ainda! Eu sou uma pessoa muito restrita à religião das pessoas. Tanto respeito o espiritismo, o catolicismo, o evangelho, não importa o tipo de religião que as pessoas tenham, eu sou uma pessoa que sempre respeitei, nunca fui uma pessoa que fui, como é que se diz, religioso, mesmo, de freqüentar uma igreja. Eu lembro que eu só freqüentei a igreja uma época quando eu era garoto, que eu tinha uns dez ou oito anos de idade, uma coisa assim, que a minha avó me levava numa igreja evangélica. Então eu ia normalmente nessa igreja. O pastor na época era o Melo e tal. E a minha avó me levava muito ali. Então o que eu mais fui na minha vida foi na igreja evangélica quando eu era garoto, porque depois eu fiquei mais velho e a gente sabe como é, né, a gente fala: sou católico, mas católico que não vai na igreja. Então eu nunca fui de fazer parte constante da igreja, ou de ir com a minha esposa na igreja, ou de ser uma pessoa da comunidade da igreja católica. Então você é um católico porque fala que é católico. Mas na verdade eu nunca fui de levar filho, nunca fui de nada assim! Só que eu sempre fiz as minhas orações. E como é a minha oração? Eu rezava

o Pai Nosso! Normalmente na minha vida antes de ficar doente, entendeu? Esse tipo de coisa eu sempre fazia, mas fazia de uma maneira quase que automática, entendeu? Sem muita concentração ou coisa parecida. Aí eu fiquei doente! Quando eu fiquei doente, a primeira coisa assim que vieram me trazer, foi a minha irmã, quando eu percebi que era uma doença maligna e coisa parecida, que foi lá aquelas pílulas do Frei Galvão. Então eu até fiquei propenso assim a tomar a pílula do Frei Galvão, certo? Acabei não tomando porque não deixaram eu tomar, a minha filha não me deixou. Eu te expliquei, né?

AP: Sim, eu me lembro!

R: Então foi o primeiro contato que eu tive assim com alguma coisa disso aí. Imagina antes eu fazer isso aí! Eu não faria isso aí! Como eu fiquei doente, eu fiquei meio assim: “Puxa vida! Eu sei lá, às vezes pode ser que dê certo, eu não sei, pô, quem sou eu? Vai que dá certo!” Só que não deixaram! Bom! Eu não vou tomar, mas eu falei: “Nada impede que vocês façam a corrente! Façam vocês!” Eu só não participo tomando, mas falei para não deixarem de fazer! Então é sinal que eu também já me importei com alguma

coisa, então já começou a despertar alguma coisa assim, hum, mais no sentido místico e coisa parecida, entendeu?

Aí eu tive... A primeira coisa que me trouxeram foi o meu cunhado que não é nem religioso, né, eu te falei que ele é da Ordem Rosa Cruz, que é uma seita mística, e ele me trouxe alguns procedimentos que eu deveria fazer em relação à minha espiritualidade, entendeu? Com o meu contexto universal e coisa parecida, né? Então eu consegui bem fazer isso, eu comecei a me sentir bem fazendo isso e toda vez que eu fazia isso, eu me concentrava por quinze a vinte minutos e levava a minha alma, a minha espiritualidade lá pra... Lá pra... sei lá pra onde que eu ia... Eu viajava um pouquinho... Desconectava um pouco daquela coisa e aquilo lá ia me fazendo bem. Então foi a primeira coisa que me fizeram, entendeu? Aí veio a minha irmã e me trouxe os ensinamentos “Meishu-Sama”³³, está vendo? (Ramos mostrou-me o volume 1, sem deixar de segurá-lo). Isso é da comunidade messiânica, certo? E tirei coisas positivas que falam, por exemplo de fé, falam em doença, entendeu? Falam de tudo! E eu comecei não julgar, não odiar, e eu percebi que tudo tem a ver. Pra eu não me perder muito começou então com isso aqui. Foi uma coisa que eu li. Aí uma outra pessoa começou a me trazer, por exemplo, esse livro “Feliz

³³ Comunidade Messiânica Universal. Ensinamentos de Meishu-Sama, Vols. 1 a 4, s/d.

Cidade”³⁴, que é coisa de auto-ajuda. Aí veio esse “Acordar e ser feliz”³⁵. Aí uma outra pessoa trouxe esse “Nunca desista de seus sonhos”³⁶. Aí veio o “Sentido da Vida”³⁷, você percebe o que eu estou te falando?! Aí a minha irmã pegou e me trouxe um rosário, está vendo? Que é um terço com Nossa Senhora de Fátima, ela levou isso lá no hospital e eu li tudo isso. Então eu comecei a preencher o meu tempo. Aí me deram o “Novo Testamento”³⁸, está vendo?

AP: Sim!

R: Tudo eu vi um pouco. E eu acho que eu estava lá meio debilitado e cada vez que eu lia alguma coisa, que envolveu um monte de coisa, da católica, da evangélica, da rosa cruz, embora dizem que não é religioso, mas é mística certo? Da messiânica, então eu tive um apoio de todas essas religiões e isso foi bom pra mim porque eu achei um sentido, eu me apeguei a alguma coisa. Então eu acho que a pessoa que não tem Deus numa hora dessa, ela não tem aonde se apegar. Acho que ela vai sofrer muito mais! Então o lado espiritual meu e o lado religioso aflorou pela minha “debilitação” mesmo.

³⁴ Elkin, Allen. Feliz Cidade. Viva sem Estresse na Metrópole. Publi Folha, 1999.

³⁵ Domingues, Clovis. Acordar e Ser Feliz. Envelhecer ou Morrer Cedo? Claro, Envelhecer. Então... Felicidades. CD Novo Amanhecer, 2006.

³⁶ Cury, Augusto. Nunca Desista de Seus Sonhos, 2004.

³⁷ Veríssimo, Luis Fernando. O Sentido da Vida. Ed. Sextante, 2006.

³⁸ Novo Testamento – Salmos. Provérbios. S/d.

Porque a pessoa quando fica debilitada ela se entrega um pouco mais aos desígnios de Deus. Você perde a força. Não sei se você está me entendendo. Então, você perde a força da matéria, você percebe que nada importa, o telefone não importa, o teu carro não importa, tua casa pra você morar pode ser na casa, pode ser no hospital... O local não importa mais! Então começa a aflorar aquele teu lado mais espiritual, mais místico, começa a dar mais valor a certas coisas, começa a entender espiritualidade, você começa a tomar mais cuidado com o lado espiritual teu porque você precisa... É como falam: “Vou cuidar da alma porque o corpo já foi mesmo!” Certo?... Entendeu? Então a pessoa fica assim e foi assim que eu fiquei. Aí o que é que aconteceu? De tudo isso aí... A minha irmã foi lá na Aparecida e me trouxe a santinha. Pronto! Porque me trouxe a santinha? A santinha pra mim era tudo!... (pausa e choro).

AP: ...(pausa)... Ela foi muito importante para você... (pausa)...

R: (Com a voz embargada)... A pessoa fica... Perdida... Perdida... entendeu? (breve pausa). E você pensa: “Pô, uma santinha, como é que pode uma santinha fazer alguma coisa, que idiotice, né?” E fez! Não que me curou! Não é isso! Me ajudou! Mas... Me... (pausa e novamente breve choro)... O que me curou foi o remédio, foi um conjunto de fatores, foi a minha cunhada que

me ajudou, foi uma soma de fatores que me levaram a me curar. Eu acho isso. Os médicos acham isso! Porque não é possível, porque eu fui um dos que mais “teve” sucesso no tratamento, entendeu?

AP: Entendi! Porque era um quadro grave...

R: Porque era um quadro feio, bem grave, entendeu? Aí eu me apeguei e nada disso aqui eu joguei fora entendeu? Fica lá do lado da minha cabeceira.

AP: Sei! E vai ficar lá...

R: Vai continuar lá! Às vezes eu fico lá, olho, eu venho... Porque eu não tenho mais nada! A minha vida está normal! Normal, normal, normal, normal! Mas aquele ritualzinho que eu faço lá, toda noite, que às vezes ninguém nem percebe, que eu sento lá e fico pensando e rezando de manhã, de noite, de dia... É isso aí! Isso aflorou, mesmo que eu não tenha ficado mais religioso, de ir na igreja, eu continuo não indo à igreja, porque eu acho que não precisa ir lá! É como eu te falei outro dia: “Pôxa! A santa não vai me penalizar porque eu não fui! Senão que sentido tem, né?”.

AP: Lembro! Você falou que não vão estar preocupados com cada pessoa individualmente...

R: Isso! Não é porque o Ramos não foi na Aparecida que ele vai voltar a ficar doente. Então não é assim! Então eu tenho sensibilidade ou pensamento suficiente pra saber que a coisa não é assim! A coisa é o seguinte: eu acho que o teu intelecto mistura muito, o teu... Sei lá... Esse lado espiritual teu, místico ou não, ou de inteligência, sei lá como as pessoas podem falar, mas você tem que ter isso muito claro pra você não ficar um cara fanático! Então eu tenho isso muito claro. Porque se eu fosse uma pessoa diferente, provavelmente eu teria virado ou um evangélico daqueles de ir à igreja ou de... Sei lá, porque eu achei que foi um conjunto de coisas que me curou, que foi o tratamento, foi o apoio da família, foram os médicos e foi também esse lado espiritual, esse lado religioso das pessoas, porque a pessoa se apegar! Eu falo pro meu irmão que fala que é ateu: “Paulo, você fala isso aí e eu fico torcendo pra que na sua vida você não passe por nada, porque senão você vai entrar num choque tão grande porque você não vai ter onde se segurar, cara! Porque tem hora que você precisa de um apoio. Então você tem hora que está lá: posso sarar ou posso não sarar. E você então recorre a quem? Me fala! Eu acho que quem falar que o lado religioso não aflora e não brota na pessoa quando a pessoa

passa por uma doença séria, ou por um acidente, ou qualquer outro motivo, ou qualquer infelicidade e infortúnio na vida... É onde parece que você lembra que existe um Deus, que existe... Que existe alguma coisa porque são coisas produtivas! Antes todo mundo seguisse a igreja, não é verdade? Porque você não vê nada de errado! Agora, o que não pode é fanatismo, né, que geralmente a pessoa doente fica abalada e aí vai fazer até mais mal pra ela porque ela vai tentar se curar só com aquilo, como se não existisse mais nada na vida do que o lado religioso e não é assim, entendeu?

AP: Sim, entendi.

R: Não é assim. Isso aí você pode ver, pra mim misturou a igreja, a Nossa Senhora Aparecida e até o espiritismo porque você começa a acreditar numa outra vida, e mistura... É tudo o mesmo foco, mas com outro enfoque. Do que? Que é de buscar a felicidade interior e a paz. Aqui, né? Não a paz celestial porque a paz celestial só é capaz de vir depois que você morre. E então você começa a praticar mais o bem, começa a se policiar mais, igual eu falei pra você que às vezes a gente percebe que está entrando no caminho errado de novo e aí você volta. É só pra você ter a noção e acabar voltando, né? Então foi esse lado que me pegou. Efetivamente do lado religioso! E eu

hoje... Eu não sei, eu me apeguei a Nossa Senhora Aparecida, à imagem... À imagem mesmo, à imagem... À imagem da Nossa Senhora Aparecida. Então onde eu vejo eu me benzo! Então eu acho que um pouco eu acho que eu passei pra santa, não é?

AP: Sei!

R: Um pouco eu acho eu passei pra santa de eu ter me curado, certo? Então às vezes eles falam: “Ah! Você não acredita em nada!” Eles pensam que eu não acredito! Vocês pensam! Porque eu acabei acreditando mesmo. Igual eu falei pra minha mulher: Nós vamos ter que ir lá! Eu vou lá! Eu não fui ainda mas eu vou! Porque eu quero ir no momento certo. Porque eu não achei que era o momento certo de eu ir ainda!

AP: Entendi!

R: Eu sei que eu tenho que ir, mas eu não sei se eu estou aguardando não sei o que pra não cair naquelas besteiras igual eu já vi de... Eu sou um cara que gosto muito do Roberto Carlos e tal, entendeu? Mas ele entrou em parafuso lá no negócio com a mulher dele, que ele achou que era totalmente

religioso e depois viu que não era nada daquilo! Que a pessoa precisou ir mesmo. Porque você tem que ir uma hora, entendeu? Mas você não precisa ficar pensando: Nossa! Eu fiz aquilo ali errado! Não era pra fazer daquele jeito! Então é por isso que eu acho que não fui ainda! Estou querendo ver porque daqui a pouco vão falar isso e aquilo. Se eu ficar doente de novo, não é porque eu não fui! Eu não tenho que ir lá pagar nada! Primeiro porque eu não prometi nada! Não estou devendo nem prometi nada! Eu acho também que não é esse o caminho. Você não tem que fazer promessa pra nada. Eu acho que se tem alguma coisa espiritual além de você ninguém vai te pedir nada, ninguém vai te pedir uma oferenda pra te realizar um desejo teu entendeu? Ou pra você viver melhor. Acho que se você ficou é porque você tem algo pra fazer! Que talvez você vá descobrir um pouquinho pra frente... Eu acho que ainda tenho umas coisas pra fazer. Algumas coisas eu já percebi que eu tinha mesmo. Que foi a perda da minha mãe, eu sei, apoio para os meus irmãos, entendeu?

AP: Que foi como você falou, quando ela faleceu...

R: Eu precisava estar aqui, certo? Eu vi minha mãe morrer e não a minha mãe viu eu morrer! Então a coisa foi natural.

AP: Sei.

R: Então acaba mexendo mesmo, né, porque o que eu poderia ter feito se nada disso tivesse acontecido? Não sei. A santa fica lá e ninguém mexe nela! Ela está lá. Ninguém aqui tirou ela de lá, entendeu? Eu não tirei, então porque alguém vai tirar, entendeu? Ela está lá por algum motivo, representa o pensamento de alguém... Pra te ajudar... (choro e voz embargada), né? Então foi isso aí! Não sei se eu te expliquei o que aflora na pessoa, na verdade na minha pessoa, certo?

E a gente percebia lá que não era só em mim não. Todo mundo se apegava nisso! Por isso é que eu fico pensando que não dava pra tocar aquelas pessoas do quarto. Cada um acreditava em uma coisa pra ajudar. E só a pessoa vivendo pra saber, né? Então foi isso aí! Imagina eu ficar apegado numa santinha, né? Certo? Eu percebia que eu não ia fazer isso, mas só que hoje eu faço questão de manter a santa lá! Até a do carro! Outro dia eu mandei lavar o carro e eles tiraram do lugar, porque eu te falei que ela quebrou, né, e eu deixei ela lá assim mesmo. A do carro eu podia trocar, porque estava pendurada no meu carro e quebrou, só que não tirei ela do meu carro. Ela está lá no meu cinzeirinho, ali quietinha, guardada! E talvez se eu trocar de carro

eu vou levar comigo! Porque acabou virando um amuleto, entendeu, eu não sei! É isso aí.

AP: Passou a ser importante para você!

R: É! Acabou virando um amuleto pra mim. Parece que se sumir aquilo de lá eu posso ficar doente de novo, entendeu? Gozado, né? E a gente sabe que não é isso aí! Então você se sente bem com aquilo. Se te faz bem porque você vai se desfazer, não é não?

AP: Lógico! Você já sente como uma companhia sua...

R: Isso! Agora é aquilo que eu te falei. Eu tenho certeza de uma coisa: Pessoas que têm a cabecinha um pouquinho mais fraca vira fanática e vai fazer mal pro outro lado. Porque aí vai achar que é só aquilo e você sabe muito bem que não foi só aquilo. Foram vários fatores que me fizeram ficar bem!

AP: Você comentou isso na sua primeira entrevista, quando disse que sem os remédios e todo o tratamento tudo não teria sido como foi!

R: É! Sem o remédio não há santa que ia fazer eu me curar. Um milagre até pode ser uma coisa que exista, mas o milagre está dentro da tua fé! Por isso que o milagre existe! Provavelmente, certo?

AP: Como assim?

R: A fé faz o milagre! Não o milagre faz a fé! Acho que com tanta fé você pode reverter até caso talvez de saúde, que com tanta fé que você tem você acha que aquilo pode te curar! É assim que eu acho, entendeu? E deve ter sido isso, também! Só que tem pessoas que têm fé em uma coisa só! Ou numa religião só! Só que tudo é a mesma coisa! A religião toda fala em você ter fé e acreditar em Deus, não é isso? Que Deus é único, não é? Não existe mais de um Deus! É um Deus só pra todas as religiões. Então todas as religiões estão corretas porque é só um Deus. Pra mim praticamente foi isso aí.

E até hoje, sei lá, eu me emociono porque eu fiquei debilitado. E eu pouco chorei! Pouco! Você é uma das poucas pessoas que vê eu chorar. Não que eu não choro porque eu não sinto vontade. É porque eu não tinha vontade de chorar. Então eu chorei algumas vezes lá no hospital. Muito pouco. Mas sempre firme! Porque eu buscava fé naquilo! Eu precisava ficar firme. E quando você começa a falar no assunto isso brota, né? Eu sei que você está

entendendo e é por isso que acontece isso aí! De eu chorar! Porque eu me dispus a falar. Eu abri o coração pra falar para as pessoas perceberem o que eu passei! Pra sentir isso aí, senão como é que vão sentir?

AP: Eu agradeço essa sua disponibilidade. É mesmo algo muito particular e muito especial! E mexe muito com o emocional quando se põe pra fora uma experiência tão forte assim.

R: Como é que eu ia conseguir superar isso, entendeu? Eu te contei uma história pra você entender o que eu estou falando. Talvez agora você esteja entendendo, né? Com o monte de problemas que eu tinha, eu tinha que ter muita força pra vencer isso tudo aí. Muita força, porque eu fiquei muito doente! E eu fui buscar, entendeu, em todo lugar a força! Então tudo aquilo que me fazia bem eu aceitava! Quando iam as minhas primas lá que eu vi poucas vezes e iam lá e faziam aquela oração, aquilo lá me fazia bem, entendeu?

AP: Como assim? Me fale mais sobre isso.

R: Trazia tranqüilidade. Sabe do que? Aquilo me trazia uma paz enorme de espírito porque eu sabia que eu ia sair de lá.

AP: Sei. E...

R: Me trazia força. Que aquilo que eu estava passando lá era uma coisa necessária pra eu passar. Então aquilo lá era um ensinamento e que aquilo que eu estava passando, que aquele sofrimento que eu estava tendo, era uma elevação espiritual pra mim! Eu estava aprendendo. E eu ia sair daquilo e ia sair melhor! Isso é que me fazia bem! E eu sempre me concentrei muito. Eu me concentrava mesmo. E quando não era legal como eu te falei, eu saía fora porque não ia fazer bem, aquilo ia me jogar pra baixo. Parecia uma extrema-
unção. E não era assim que eu estava me sentindo naquela época. Eu estava sentindo que eu ia sarar. Porque nunca ninguém aqui achou que eu não ia sarar! Em nenhum momento! Então quando vinham as orações, quando vinham de uma maneira clara, assim calma, que levantava a tua alma, aquilo me fazia bem. Muito bem! Aquilo aflorava uma força em você, interior, que parecia que estava chegando a Deus mesmo! Então eu sabia que nada era impossível, entendeu? Isso que me fazia bem. Isso que me faz bem ainda! Quando eu fico lá quietinho, conversando, rezando, eu estou agradecendo o

dia, eu vou levantar, caramba! Eu não posso mais levantar de mal com os outros. Eu não posso levantar assim mais. Eu levantei várias vezes correndo! Cada vez que eu me levanto mal eu não passo bem o dia. Porque eu aprendi que não é assim que se levanta. No sobressalto! Você precisa acordar normal, bem disposto, de bem com a vida. E é tudo isso aqui (apontando para os livros) que me ajudou muito. Tudo aqui tem fundo religioso e espiritual. Então por mais que a pessoa fala não, tem a ver! Em tudo aqui (aponta para os livros) tem dentro a palavra de Deus, porque está te passando só coisa boa!

AP: Entendi.

R: Você abre esse livro “Sentido da Vida”³⁹, você vê as imagens, você vê a natureza, você vê a fotografia de um bichinho, está vendo? (Ramos mostra uma figura do livro). Você vê o urso, qualquer coisa, você vê formas de vida! E faziam com que eu ficasse bem, entendeu? Muito bem! Eu me sentia bem. Eu me sinto bem!

AP: Eu entendi sim.

³⁹ Veríssimo, Luis Fernando. O Sentido da Vida. Ed. Sextante, 2006.

R: É assim que eu me senti, eu Ramos. Tinham pessoas lá que ficavam muito bem com as orações, levantavam, entendeu, tinha um senhor lá no hospital comigo que levantava a mão pro alto na cama, em voz alta, e falava: “Oh meu Senhor!” E depois cantava. Era um cara bom astral. Deve ter ficado muito bem esse homem também. Eu tenho certeza porque ele saiu bem de lá e ele fazia quimioterapia como eu fazia, entendeu? Eu tenho o telefone dele. Qualquer dia eu vou ligar. E ele era muito mais religioso que eu. Se é que eu posso falar, né, que eu não sou! Mas eu acho que eu sou sim! Só que eu sou da minha maneira. E ele era diferente porque ele fazia parte da congregação, da comunidade da igreja. Então ele era um cara que freqüentava e eu não. Eu acho que eu até me surpreendi. Porque eu estou me surpreendendo.

AP: Sei!

R: Isso me toca! Eu, por exemplo, outro dia, estava sentado na sala, minha filha estava comigo, e estava o Papa na TV, e chegou uma hora que eu estava chorando, entendeu? E a minha filha falou: “Pai, está chorando por causa do Papa?” Eu falei: “Não. Não é por causa do Papa. É pela coisa em si que está se falando”. Era bem no Dia das Mães. Eu me lembrei da minha mãe. E da minha doença. E a gente acaba chorando.

AP: Lógico. Lembranças trazem sempre muita emoção.

R: A minha família percebeu, eu tenho certeza, que eu fiquei mais religioso do que eu era, pelo menos um pouquinho mais. Então é isso aí. Não sei se deu pra te explicar, mas acho que eu falei como foi, entendeu?

AP: Sim! Você relatou tudo muito bem. Na primeira entrevista já ficou clara essa sua disponibilidade em repassar sua experiência, em poder compartilhar seus sentimentos. E isso vai me ajudar muito no meu trabalho, que conforme já lhe disse, vou trazer uma cópia quando ele estiver acabado. Agradeço então mais uma vez e se precisar de mais alguma coisa entro em contato.
